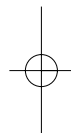
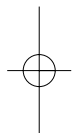
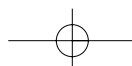


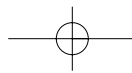
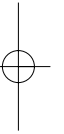
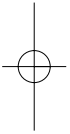
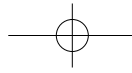
COLEÇÃO
Cadernos de
EJa

Caderno
Metodológico
para o professor



Ministério
da Educação





Apresentação

Ao longo de sua história, o Brasil tem enfrentado o problema da exclusão social que gerou grande impacto nos sistemas educacionais. Hoje, milhões de brasileiros ainda não se beneficiam do ingresso e da permanência na escola, ou seja, não têm acesso a um sistema de educação que os acolha.

Educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado; garantir o exercício desse direito é um desafio que impõe decisões inovadoras.

Para enfrentar esse desafio, o Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, cuja tarefa é criar as estruturas necessárias para formular, implementar, fomentar e avaliar as políticas públicas voltadas para os grupos tradicionalmente excluídos de seus direitos, como as pessoas com 15 anos ou mais que não completaram o Ensino Fundamental.

Efetivar o direito à educação dos jovens e dos adultos ultrapassa a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino. É necessário que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular: que ele prime pela qualidade, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos alunos.

Com esse intuito, a Secad apresenta os *Cadernos de EJA: materiais pedagógicos para o 1.º e o 2.º segmentos do ensino fundamental de jovens e adultos*. “Trabalho” será o tema da abordagem dos cadernos, pela importância que tem no cotidiano dos alunos.

A coleção é composta de 27 cadernos: 13 para o aluno, 13 para o professor e um com a concepção metodológica e pedagógica do material. O caderno do aluno é uma coletânea de textos de diferentes gêneros e diversas fontes; o do professor é um catálogo de atividades, com sugestões para o trabalho com esses textos.

A Secad não espera que este material seja o único utilizado nas salas de aula. Ao contrário, com ele busca ampliar o rol do que pode ser selecionado pelo educador, incentivando a articulação e a integração das diversas áreas do conhecimento.

Bom trabalho!

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade – Secad/MEC

Sumário

A Coleção / 5

Características da coleção / 6

O caderno do aluno / 7

O caderno do professor / 8

Histórico do projeto / 9

O projeto / 9

O processo de elaboração / 10

A Coleção Cadernos de EJA / 11

Características do material

Pressupostos pedagógicos / 14

Princípios pelos quais a coleção foi concebida / 14

O que um texto legível / 19

Intertextualidade e leitura / 21

Interdisciplinaridade e visão de mundo / 25

Abordagens pedagógicas, temas e subtemas da coleção / 35

Índice de atividades / 46

Os temas da coleção / 65

Como utilizar o material em sala de aula / 68

Perguntas dos professores e professoras / 78

Parâmetros legais da EJA / 85

O que é a Unitrabalho / 90

Currículos da equipe e expediente / 91

A Coleção

O trabalho tem estado, ao mesmo tempo, muito presente e muito ausente na Educação de Jovens e Adultos. Presente, por fazer parte do cotidiano dos educandos, seja daqueles que estão trabalhando, seja daqueles que procuram trabalho. Ausente, enquanto conteúdo mais freqüente nos textos de leitura e na reflexão e debates na sala de aula. Diversos materiais usados na EJA têm abordado esse tema de modo pontual e esporádico, quando não simplesmente deixam de tratar essa questão. No entanto, o tema Trabalho constitui um dos mais importantes elementos de articulação dos conhecimentos científicos reunidos e sistematizados nos conteúdos escolares com os conhecimentos do cotidiano, resultantes da experiência de vida dos trabalhadores e trabalhadoras na sua luta constante pela subsistência, por melhores condições de vida e pela emancipação de todas as formas de opressão.

O trabalho é, também, uma atividade que geralmente está ligada à evasão escolar e, conseqüentemente, à exclusão dos educandos do ensino regular. Sair da escola para trabalhar e obter renda, por menor que seja a remuneração desse trabalho, e assim ajudar no orçamento da família, tem sido a realidade de boa parte das crianças e jovens pobres no Brasil.

O desafio de construir um material pedagógico dirigido a esses jovens e adultos abordando o tema Trabalho e, em torno desse tema, articular o ensino dos vários conteúdos do currículo escolar, demandou a colaboração de diversos especialistas, a participação de representantes de organizações da sociedade civil e, em especial, a colaboração dos professores e professoras de EJA.

A Rede UNITRABALHO, iniciativa das universidades brasileiras para construir pontes entre o mundo acadêmico e o mundo do trabalho, assumiu esse desafio de coordenar o processo de elaboração do



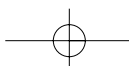
material, mobilizando capacidades no interior das universidades agregadas à Rede e articulando os agentes acadêmicos com os demais atores envolvidos com a EJA. O propósito foi construir um material pedagógico inovador que demonstrasse em relação a essa modalidade de ensino, no mínimo, a mesma preocupação e atenção que têm sido dedicadas ao ensino regular. A UNITRABALHO entende que é preciso superar a visão tradicional da EJA como mera “suplência” ou uma reprodução aligeirada do currículo e dos conteúdos destinados às crianças. A equipe assumiu que a Educação de Jovens e Adultos constitui uma modalidade específica, que requer a elaboração de programas próprios, adaptados às necessidades desse grupo de educandos.

Características da Coleção

Esta obra foi elaborada para o ensino fundamental de jovens e adultos, da alfabetização até a 8ª série. Ela poderá ser utilizada, integralmente ou em partes, em outras situações de ensino, como é o caso das experiências de educação não-formal, porém o foco é atender ao ensino fundamental de EJA que se dá nas escolas públicas.

A coleção segue as orientações curriculares do MEC, organizando os componentes e conteúdos em torno de eixos temáticos, tendo o trabalho com eixo geral integrador desses temas.

A palavra-chave dessa coleção é flexibilidade. Ela dá liberdade ao professor para decidir o que quer ou não utilizar, em que ordem, com que finalidade, enfim, tornando o material uma verdadeira ferramenta de trabalho pedagógico. Essa flexibilidade traz vantagens para a organização do processo de ensino-aprendizagem, já que o professor, ao elaborar seu planejamento pode inserir os textos e atividades de forma mais livre para enriquecer o dia-a-dia da sala de aula.





O caderno do aluno

O caderno do aluno é uma coletânea de textos de leitura escolhidos com a finalidade de despertar o interesse do aluno pela aquisição de conhecimentos por meio da leitura e da pesquisa. Dentre os gêneros de textos que podem ser encontrados na coleção, destacam-se:

- Narrativas (contos/crônicas)
- Poemas
- Letras de músicas
- Páginas da web
- Manuais de orientação
- Notícias de jornais e revistas
- Reportagens
- Histórias em quadrinhos/charges
- Receitas culinárias
- Leis e normas
- Literatura de cordel

Os cadernos podem ser lidos pelos alunos e trabalhados em sala de aula em qualquer ordem, pois a leitura de um caderno não é pré-requisito para a leitura de outro. Da mesma forma, os textos no interior de cada caderno não definem uma seqüência obrigatória de utilização. O(a) professor(a) seleciona a seqüência em que os cadernos e os textos serão utilizados, com base nos assuntos que são mais relevantes para seus alunos e com base na sua própria programação. Cada um dos treze cadernos aborda um tema diferente. Abaixo uma amostra de capa e de páginas internas de um dos 13 cadernos.



O caderno do professor

O caderno do professor é composto por um conjunto de sugestões de atividades de todas as áreas do conhecimento, que o professor poderá usar para trabalhar os textos do caderno do aluno. Para cada caderno de textos do aluno há um caderno de atividade do professor correspondente.

No caderno do professor, as atividades são separadas por áreas do conhecimento, sempre em diálogo com o tema proposto. Elas são independentes, uma não é pré-requisito para a outra e a indicação da área não impede que uma atividade seja aplicada por um professor

de área diferente da indicada. Para uma maior efetividade nesse uso, evitando que uma mesma atividade seja usada por diferentes professores, é importante um esforço de cooperação entre os professores da escola.

Cada página do caderno do professor trabalha atividades de uma área do conhecimento relativas a um determinado texto do livro do aluno. Alguns textos, porém, estão sem atividades propostas, a fim de que possam ser elaboradas novas atividades a critério de cada professor(a). Veja um exemplo:

A página da atividade tem a forma de um Plano de Aula, organizado em seções para facilitar o trabalho de planejamento do professor.

Objetivos: ações que tanto aluno como professor realizarão com a atividade.

Introdução: pontos principais do texto são transformados em problematizações e questões para o professor.

Descrição: passos que o professor deve seguir para discutir com os alunos os conceitos e questões apresentados na atividade proposta.

Dicas: bibliografia de suporte, sites, músicas, filmes, etc. que ajudam o professor a ampliar o tema (campo opcional).

Numeração: indica o texto correspondente ao caderno do aluno.

Área: indica a área do conhecimento.

Nível: sugere o segmento do ensino fundamental para aplicação da atividade.

Contexto: insere o tema no cotidiano do aluno.

Materiais e tempo: materiais indicados para a realização da atividade, especialmente aqueles que não estão disponíveis em sala de aula (este campo é opcional), e o tempo sugerido para o desenvolvimento da atividade (em horas).

Cor lateral: indica o nível sugerido.

Text content (from image):
1 Área: Educação e Trabalho
Atividade ▶ A osmose em seu dia-a-dia
Objetivos:
 • Introduzir o conceito de osmose e osmose reversa;
 • Realizar experimento para observação da osmose.
Introdução: De acordo com o texto, a tecnologia é o encontro entre ciência e engenharia. Uma aplicação tecnológica importante é a utilização da osmose reversa na purificação de água potável. Já que os estoques de água doce no planeta estão cada vez menores. Em uma solução, denomina-se soluto a espécie química que se encontra em menor quantidade e solvente a que está em maior quantidade. Em um copo de água com uma colher de sal dissolvida, o sal é o soluto e a água o solvente. Quando duas soluções, con-
 tendo diferentes quantidades de soluto, são colocadas em contato por meio de uma membrana a passagem apenas do solvente, este irá se movimentar da solução mais diluída.
Contexto no mundo do trabalho: O emprego de osmose pode ser identificado no nosso dia a dia nos processos industriais na preparação de conservas salgadas, na qual retira-se o máximo de água dos alimentos, a fim de evitar a proliferação de microorganismos e aumentar sua durabilidade. O mesmo ocorre também com a preparação de compotas de frutas, na qual a osmose permite a retirada de água e aumento do teor de açúcar dos frutos preparados.
Descrição da atividade
 Identificação de fenômenos osmóticos, empregando a casca de um legume como membrana osmótica.
 1. Selecione 3 tomates maduros pequenos;
 2. Prepare três copos contendo: água; água com 3 colheres de chá de sal e água com o máximo de sal que conseguir dissolver;
 3. Coloque um tomate em cada sistema e observe sua evolução, anotando as modificações especificamente se ele murcha ou incha; observe especificamente se ele murcha ou incha;
 4. Desenhe no caderno, o registro das observações.
 5. Identifique outros processos osmóticos em seu cotidiano.
Materiais indicados:
 • Três copos, água e 3 tomates maduros.
Tempo sugerido: 2 horas
Resultados esperados:
 a) Conhecimento do conceito de osmose e experimento empregando esse conceito;
 b) Conhecimento do conceito de osmose reversa e sua identificação como aplicação tecnológica;
 c) Identificação de fenômenos osmóticos no cotidiano dos alunos.
Dicas do professor: Exemplos de membrana semi-permeável: tipos de animais e papel celofane. Não orgânica fundamental para a manutenção da vida, pois permite que nutrientes, água, saíam e entrem e saiam da célula.
 Caderno do professor / Tecnologia no Trabalho ▶ 7

Histórico do projeto

A construção de um material com essas características, substancialmente diferente da estrutura usual dos livros didáticos e manuais de orientação dos professores, consistiu num processo complexo, em que uma das principais marcas foi a participação de diferentes atores, com destaque para os mais de mil professores que participaram de oficinas pedagógicas, onde uma versão preliminar e condensada de um dos cadernos do aluno e do professor foi debatida, após ter sido testada em salas de EJA pelos participantes das oficinas. O processo de construção da coleção encontra-se descrito sucintamente a seguir.

O projeto

Este projeto foi uma iniciativa da Fundação Unitrabalho e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC (SECAD) que estabeleceram uma parceria para produção de materiais didáticos e pedagógicos para o 1º e 2º segmentos do ensino fundamental para jovens e adultos, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA. O projeto teve como destaque o tema “trabalho”, que foi tratado como um eixo aglutinador dos textos selecionados para leitura pelos alunos e das atividades produzidas para os professores, visando abordar conteúdos escolares de modo criativo e interdisciplinar.

A partir da Constituição Federal de 1988 e da LDB/1996 a Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou a ser entendida não mais como suplementar, mas como um direito, um elemento essencial para a construção de uma sociedade mais justa, tendo como princípio a garantia do exercício da cidadania.

Esta valorização da EJA trouxe à tona uma série de novos desafios a serem enfrentados. Um dos mais visíveis era a escassez de materiais didáticos que atendessem às especificidades dessa



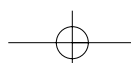
população alvo, com uma linguagem adequada e estruturada a partir de temas instigantes e relacionados ao cotidiano destes alunos. Assim, a partir destes objetivos é que se estruturou o projeto que resultou na **Coleção Cadernos de EJA**, que visa proporcionar aos educadores que atuam nessa modalidade subsídios para um salto de qualidade nos processos educativos de jovens e adultos.

O processo de elaboração

Para a elaboração deste material, a Fundação Unitrabalho, em diálogo permanente com o MEC, constituiu uma equipe de 25 professores de várias universidades brasileiras composta por especialistas das diversas temáticas e áreas do conhecimento que selecionaram textos e elaboraram atividades didáticas para apoiar o trabalho dos educadores de EJA de todo o país. Este trabalho envolveu também outras pessoas. Com a realização de oficinas de trabalho, estabeleceu-se um diálogo com especialistas, órgãos públicos e com organizações da sociedade civil que atuam em EJA e, especialmente, com professores que estão diretamente na sala de aula de EJA nas diversas regiões do país, cujas opiniões e contribuições foram fundamentais para que a **Coleção Cadernos de EJA** atingisse a qualidade e a aceitação desejada.

Por meio de uma *Oficina Temática* realizada em maio de 2006, em Brasília/DF, o projeto foi apresentado e discutido com representantes de mais de 35 órgãos governamentais e organizações da sociedade civil que atuam em EJA, os quais fizeram suas considerações e sugestões para o projeto, especialmente no tocante às ementas dos cadernos, que orientaram a abordagem e a escolha dos textos dos cadernos do aluno, bem como sugerindo temas para os cadernos da coleção.

Além dessa oficina, foram realizadas entre junho e agosto de 2006 outras oito *Oficinas Regionais com Professores de EJA*, cujos objetivos eram a apresentação do projeto e o debate dos materiais produzidos (uma amostra do caderno do aluno e do professor com





o tema Meio Ambiente e Trabalho que foi enviada para esses professores utilizarem em sala de aula), visando coletar sugestões e contribuições dos professores que utilizarão este material.

Estas oficinas que contaram com a participação de 1.055 professores de EJA foram realizadas nas seguintes datas e cidades:

- **19 de junho:** Goiânia (124 participantes)
- **21 de junho:** Salvador (86 participantes)
- **23 de junho:** Belo Horizonte (111 participantes)
- **26 de junho:** Belém (94 participantes)
- **1º de agosto:** Fortaleza (158 participantes)
- **3 de agosto:** Guarulhos (153 participantes)
- **4 de agosto:** Santo André (254 participantes)
- **7 de agosto:** Curitiba (75 participantes)

Esta rodada de oficinas foi avaliada pelos participantes como muito importante, por estabelecer um diálogo e participação do professor de EJA na elaboração do material, algo inédito na produção de material didático e pedagógico. Também foi fundamental para reforçar a concepção que norteia a organização do caderno de leituras do aluno e da estrutura da ficha/plano de aula do caderno do professor.

A Coleção Cadernos de EJA

A coleção compreende 27 cadernos (treze do aluno, treze do professor e este guia metodológico dirigido ao professor) que reúnem conteúdos fundamentais para a formação integrada e interdisciplinar, ao mesmo tempo que informam e cativam os leitores em temáticas atuais e relacionadas ao seu dia-a-dia. A coleção é assim composta:

13 cadernos de leitura dos alunos: cadernos em formato de revista, ricamente ilustrados, contendo diferentes gêneros literários e textuais, apresentados de forma atraente e voltados

para alunos do primeiro (1ª a 4ª) e segundo segmentos (5ª a 8ª séries) de EJA.

13 cadernos de atividades do professor: composto de atividades para as diversas áreas do conhecimento e relacionados aos textos do caderno de leitura do aluno. Este caderno é um fichário de planos de aula para serem utilizados pelo professor.

1 caderno metodológico: com orientações para os professores de EJA para uso da coleção, enfocando a articulação das atividades com o mundo do trabalho, a concepção que norteia a organização dos temas e indicações de uso do material.

Características do material

A principal característica da Coleção Cadernos de EJA é ser um apoio aos professores dessa modalidade nas suas atividades diárias, sem ser livros didáticos estrito senso, utilizados segundo uma seqüência predeterminada. Com isso a coleção reforça a importância do papel do professor no planejamento e organização do percurso formativo dos seus alunos, contribuindo de maneira atraente e inovadora com esse processo.

Além dessa característica outras podem ser destacadas, tais como:

- ▶ estimular a construção da autonomia e da cooperação, cultivando valores essenciais como a solidariedade e o respeito às diversidades;
- ▶ textos escolhidos para despertar o interesse de pessoas de diferentes faixas etárias, grupos étnico-raciais, culturas regionais e níveis sociais, com uma iconografia dos cadernos que traz ilustrações, mapas, fotos e infográficos;
- ▶ ter um caráter flexível, cujo uso dependa da opção do professor – tanto na temática quanto nos textos e atividades propostas – em função da realidade em que atua e do nível que sua turma de EJA se encontra;

Tempo Qualidade

- ▶ promover o diálogo entre educador e educandos, desafiando este a refletir sobre o mundo em que vive e incentivá-lo a atuar para transformar sua realidade;
- ▶ incentivar uma postura investigativa e criativa por parte do educador, para que possa reconstruir o material a partir da sua própria prática;
- ▶ promover a integração dos vários campos do conhecimento entre si e com a temática do trabalho.

A equipe acredita que a Coleção Cadernos de EJA, fruto de um trabalho coletivo, desenvolvido a muitas mãos, será um importante apoio ao trabalho de educadores em sala de aula.

Ilustração de Alcy



As edições apresentam vários gêneros de texto e imagem.



Foto de José Inácio Parente

Pressupostos pedagógicos

Princípios pelos quais a coleção foi concebida

Do ponto de vista pedagógico, esse material trabalha com a idéia do diálogo como elemento fundamental da relação entre professor e aluno. Portanto, esses cadernos só adquirem sentido no contexto dessa relação dialógica que se estabelece entre sujeitos dotados de consciência e capacidade de posicionar-se criticamente frente ao discurso do outro. Nesse sentido, a coleção se diferencia de outros livros didáticos, que pressupõem um certo autodidatismo do aluno, isto é, imaginam que o aluno irá estudar sozinho e o professor será apenas um facilitador desse processo.

Rejeitando o individualismo e a competição desenfreada, predominantes na sociedade atual, a coleção estimula a cooperação entre os alunos, o trabalho coletivo e a ajuda mútua, que são hábitos e valores fundamentais para o desenvolvimento da cidadania e a construção de uma sociedade mais justa. Essa visão orientou tanto a escolha dos textos, quanto a elaboração das atividades. O diálogo é um princípio pedagógico fundamental desta coleção, não só como base para a relação entre educador(a) e educandos(as), mas também para a relação entre os professores das diferentes áreas e

níveis e, ainda, para nortear a interação entre a turma de educandos e o conhecimento elaborado.

O material do aluno não contém instruções sobre o que se deve fazer com os textos, não apresenta orientações prévias, nem perguntas problematizadoras. Todos esses elementos estão sugeridos apenas no caderno do professor. Sendo assim o material só irá adquirir sentido através da MEDIAÇÃO do professor. Adotou-se o princípio de que o material didático é um elemento complementar numa relação social que se estabelece entre professor e alunos. Ele é um instrumento do trabalho pedagógico, não é um substituto do professor, nem objetiva reduzir sua importância no processo educativo. Ao contrário, o que se pretende com a proposta deste material é incentivar o professor a assumir uma atitude ativa de investigação, de pesquisa a respeito do conhecimento em geral e da sua própria prática, selecionando, complementando e reformulando as atividades propostas.

Um objetivo importante que esse material procura atingir é servir de MOTIVO para desafiar os educandos a avançarem no seu proces-

so de conhecimento e ação sobre a realidade em que vivem. Desafiar o aluno a explorar um texto que ele ainda não está apto a compreender sozinho leva-o a perceber melhor o significado do processo pedagógico. O aluno tenta ler um texto e vê que é difícil. Diante desse obstáculo, ele pode recuar ou, com a ajuda do(a) professor(a) e de colegas, pode compreender o texto, por meio de aproximações sucessivas e releituras. Aos poucos, por meio dessa atividade mediada pela ajuda dos outros, ele vai internalizando as capacidades necessárias para entender os conceitos e estruturas dos textos mais complexos e, finalmente, começa realizar essa leitura de modo independente.

O material tem uma proposta pedagógica que procura romper com alguns paradigmas, como a linearidade no ensino dos conteúdos escolares. Na maior parte dos casos, não há uma seqüência pré-determinada, os componentes curriculares se interpenetram sem fronteiras estanques, os textos abordam temas raramente tratados na escola etc.

Sendo assim, a expectativa é de que o material possa provocar e desafiar o(a) professor(a), mobilizando-o(a) para transformar a sua prática. Aqueles(as) que já estão realizando um trabalho diferenciado, por sua vez, encontrarão nesta coleção elementos que possivelmente já fazem parte do seu modo de trabalhar, mas podem ser enriquecidos e aprimorados.

Quando o professor de Matemática, por exemplo, coloca um texto de literatura para

um aluno ler e, a partir desse texto, introduz os conceitos matemáticos, esse fato por si só já é uma evolução em relação a uma perspectiva pedagógica que compartimentaliza as áreas do conhecimento humano. No momento em que isso acontece, inicia-se a quebra de algumas barreiras e o(as) professor(as) de todas as áreas começam a perceber que os conteúdos se relacionam, por ser a realidade uma totalidade coerente. Percebem que a Matemática tem a ver também com a Arte, que a Arte ajuda a fomar conceitos geográficos e assim por diante. A concepção linear de currículo começa dar lugar à visão de uma teia de relações conceituais muito mais rica. Essa interdisciplinaridade que os Cadernos pressupõem e promovem será tratada com mais profundidade mais adiante.

A elaboração e concepção desse material partiram do princípio de que o trabalho é uma atividade essencial para o ser humano. No entanto, o trabalho na sociedade atual, é caracterizado por uma contradição. Ao mesmo tempo em que é um enriquecimento das pessoas e um princípio educativo da formação dos indivíduos, frequentemente o desenvolvimento econômico faz com que muitas pessoas empobrecam e sofram.

Por essa razão, os textos e atividades sugerem a educadores e educandos elementos para compreender a sociedade atual de forma crítica, compreendendo as causas das desigualdades e injustiças, e, ao mesmo tempo, imaginando a possibilidade de construir novas relações humanas no trabalho e na

vida. Essa nova forma de produzir a existência humana, através de um trabalho que sirva à emancipação dos trabalhadores, fundamenta-se em alguns princípios, dentre os quais se pode destacar:

Sustentabilidade

O trabalho é a atividade por meio da qual o ser humano se relaciona com a natureza, produzindo os meios necessários para sua existência. Durante séculos essa relação foi vista como uma via de mão única em que o ser humano explora os recursos naturais em seu proveito. No entanto, os impactos dessa ação, gerando profundos desequilíbrios no meio ambiente, tais como a poluição da água e do ar, a redução de áreas verdes, a extinção de inúmeras espécies animais e vegetais, têm colocado cada vez mais em cheque essa concepção. Cada vez mais se torna vital para a continuidade da vida no planeta, incluindo a humana, que se estabeleça uma nova relação com a natureza, ou seja, uma nova forma de trabalho na qual a relação predatória de dominação e exploração dos recursos naturais é substituída por uma relação compreensiva e amorosa para com as outras formas de vida que co-habitam o planeta, pela análise e respeito aos frágeis equilíbrios dos diferentes ecossistemas, de modo a garantir a sustentabilidade da produção e reprodução da existência humana e da vida como um todo.

Solidariedade

Essa nova forma de se relacionar com a Natureza só pode se dar no contexto da construção de novas relações entre os seres humanos. Estimular a participação e a ajuda mútua, possibilitar a construção da autonomia e da cooperação, cultivar valores essenciais como a solidariedade e o combate a qualquer tipo de preconceito são movimentos que apontam para a criação dessas novas relações. Por meio delas busca-se desenvolver em cada indivíduo uma atitude de respeito pelas diferenças e esforço para superar os conflitos inevitáveis na interação humana por meio do diálogo, da promoção da justiça e de uma cultura da paz. No mundo do trabalho, a criação de Empreendimentos Econômicos Solidários (organizados como cooperativas, associações, redes e outras formas), nos quais os trabalhadores são os donos dos meios de produção e tomam decisões seguindo os princípios da autogestão, tem sido um processo crescente de inclusão social e econômica dos trabalhadores que estavam ou ficaram excluídos do mundo do trabalho pelo desemprego e pela precarização das relações de trabalho. A chamada Economia Solidária vem se constituindo como uma esperança para a superação da pobreza e criação de relações de trabalho mais justas e humanas, não só entre os indivíduos, mas também entre os empreendimentos e organizações da sociedade.

Iniciativas como o comércio justo e solidário, as redes solidárias, a cooperação interinstitucional entre empresas, governos, universidades, sindicatos e outros atores sociais, todas essas iniciativas mostram que é possível organizar a produção e reprodução da existência humana em novas bases, nas quais o sucesso de uns não precisa se dar com a exclusão de outros, mas onde todos partilham dos frutos do desenvolvimento econômico, dos avanços tecnológicos, do enriquecimento cultural etc.

Criticidade

A enorme distância entre as possibilidades humanas de uma sociedade justa e sustentável e a realidade atual vivida de modo dramático por muitos dos alunos e alunas de EJA requer o desenvolvimento de uma visão crítica a ser exercitada em todos os momentos, a começar da leitura de textos na sala de aula. Criticidade não quer dizer ficar criticando tudo ou “falando mal” de governos ou pessoas. Ser crítico é tentar entender as causas dos problemas, é perguntar porque as coisas são feitas de determinada forma. É não se contentar com as explicações simplistas e superficiais (quando não falsas) do senso comum e dos grandes veículos da mídia. Estimular o educando a refletir sobre a realidade em que vive e atuar nela de modo transformador, utilizando o saber acumulado como ferramenta cultural é um desafio fundamental para dar sentido ao conhecimento

e à própria escola. Frequentemente os(as) alunos(as), diante de um novo conteúdo, perguntam para que serve aprender aquilo. Essa pergunta não pode ser ignorada, nem respondida superficialmente. Uma via para trabalhar essa questão no processo educativo é a **problematização** dos conteúdos. Mostrar que as informações obtidas nos textos e nas aulas podem ajudar a lutar por um mundo melhor ajuda a dar um sentido para o aprendizado, sem cair no pragmatismo que estabelece como objetivo do ato de aprender apenas a conquista de um emprego ou a aprovação em um vestibular.

Criatividade

A atividade humana pressupõe a repetição de ações. A cada dia, nossa rotina de vida e trabalho impõe a realização de atos e gestos semelhantes a outros já realizados. A repetição faz parte do trabalho. No entanto, como resultado do desenvolvimento tecnológico, cada vez mais se torna possível transferir para as máquinas muitas das tarefas rotineiras do trabalho. Com isso se torna mais importante ainda o papel da criatividade na produção. O ato criativo também é fundamental para que o indivíduo se sinta realizado no seu trabalho. Contemplar um produto novo resultante do seu próprio esforço constitui um dos momentos cruciais da produção e ajuda a dar SENTIDO ao trabalho. A execução de tarefas repetitivas gera desânimo e

aumenta o sofrimento do trabalhador. A criatividade é uma característica fundamental do ser humano, que a forma atual de sociedade acaba desenvolvendo pouco, uma vez que reserva para poucas pessoas o privilégio de criar. Com o avanço de novas relações econômicas, mais justas e solidárias, os trabalhadores poderão explorar mais o seu potencial criador. Essa atitude criativa pode ser incentivada na sala de aula. Ao criar novas idéias e produzir novos textos a partir do material de leitura oferecido pela Coleção Cadernos de EJA, os(as) alunos(as) conseguem perceber que todo produto da atividade humana pode ser transformado. Quebrar essa reverência que faz do texto um produto mitificado, como se fosse o resultado apenas de mentes privilegiadas é essencial para que os(as) educandos(as) possam estender essa atitude também para os outros produtos humanos, inclusive as relações sociais mais amplas. Da mesma forma, o(a) educador(a) precisa assumir essa atitude em relação ao material didático e outros instrumentos do seu trabalho, recriando as propostas que che-

gam à sala de aula, em função das necessidades do seu trabalho e dos seus alunos. **O princípio básico que precisa estar presente na sala de aula de EJA é de que todo produto humano pode ser modificado e transformado pela ação coletiva organizada, seja ele um texto, seja um sistema político e econômico.**

Esses princípios não são fundamentos abstratos, mas estiveram presentes na seleção de textos e elaboração de atividades desta coleção. Sua concretização acontece pela forma como os textos e o conteúdos escolares vão sendo trabalhados na sala de aula. Realizar uma leitura mais profunda dos textos e ligar os conteúdos escolares, de modo integrado e interdisciplinar, aos problemas existenciais que esses textos colocam são caminhos para a formação de educandos cada vez mais preparados para compreender o mundo em que vivem e, sobretudo, para transformá-lo. Essas questões colocam uma grande importância para o ato de ler e para o significado da leitura, o que será tratado no próximo tópico.

O que é um texto legível?

Os alunos não sabem ler”. “Não compreendem o que lêem”. “Não entendem o enunciado e, por isso, não conseguem resolver problemas.”...

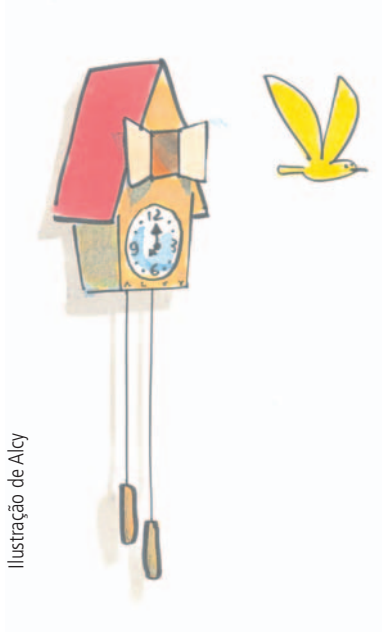


Ilustração de Alcy

Quantas e quantas vezes não ouvimos professores dizerem frases desse tipo? Podemos ver, nesse reclamar, um lado muito positivo: os mestres demonstram grande preocupação com o ato de produzir sentidos. O outro lado, mais instigante, remete-nos à busca de respostas para as causas que geram essas afirmações. Podemos intuir, pela fala dos professores, a crença de que o texto é o elemento básico com que devemos trabalhar no processo de ensino de qualquer disciplina, pois, por meio dele, o usuário da língua desenvolve a capacidade de organizar o pensamento, demonstrar conhecimento, transmitir informações, idéias e opiniões em situações efetivas de comunicação. Causa estranhamento, porém, o fato de um falante da língua encontrar dificuldades para compreender enunciados criados em sua própria língua. Por que um texto aparentemente claro e simples para uns pode ser quase ilegível para outros?

Um primeiro passo para a busca de resposta para essa pergunta pode estar na forma como encaramos a leitura e a produção escrita na escola, pois a questão da legibilidade de um texto vincula-se também à relação que estabelecemos com o próprio texto. Uma forma possível é considerá-lo um produto histórico-social, produzido por um autor que tem uma história singular (como todos temos), escrito para alguém que não é necessariamente nosso aluno. Essa postura traz algumas conseqüências que merecem ser pensadas.

1. O que é ler?

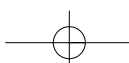
Evidentemente, ler não é apenas decodificar. O processo de leitura envolve sujeitos e sentidos em constante luta na busca de significados. Nesse aspecto, o “conhecimento de mundo” é fator determinante



para a legibilidade. Nossos conhecimentos prévios nos permitem entender não apenas o que o texto diz, mas, sobretudo, o que revela sem dizer explicitamente. Permitem-nos também relacioná-lo a outros textos já lidos ou ouvidos e, assim, possibilitam a ampliação do campo de significados possíveis. É preciso admitir, nessa perspectiva, que dois leitores, em função de suas histórias de vida, jamais compreendem um mesmo texto da mesma forma. Por isso, consideramos o texto um produto polissêmico, que aceita e suscita multiplicidade de leituras.

Quando, então, o professor reclama que um aluno não entende o que lê, provavelmente não leva em conta o fato de o sujeito leitor ter especificidades e história muito distante daquela do autor e do contexto em que o texto foi criado. Não leva em conta que um autor não é onisciente, justamente por não conseguir dominar todos os sentidos que serão produzidos pelos diversos leitores. Provavelmente, também, não leva em conta o fato de não existir um leitor onipotente, capaz de dominar todas as “intenções” do autor. Ler, portanto, é um embate, um debate entre autor, texto, contexto, leitores e significados.

Por tudo isso, pode-se ver a leitura como um processo criativo, crítico e dialético, envolto pela exigência de uma série de habilidades cognitivas, que representam um esforço conjugado para compreender e incorporar sentidos num jogo interativo entre os interlocutores. Não basta, pois, mandar ler. É preciso pensar e trabalhar a leitura, uma vez que os discursos produzidos em sala de aula assumem relevância fundamental na construção e percepção de mundo de nossos alunos. É sempre necessário ter em mente que a prática social da leitura influencia a construção dos sentidos e dos discursos na nossa sociedade. Em vista disso, o processo de ensinar a ler não pode restringir-se às séries iniciais. Deve, sim, prolongar-se por todo o período escolar e a atuação do professor, como mediador, é imprescindível para a ampliação do conhecimento de mundo, para o entendimento das múltiplas relações entre o homem e seu ambiente e, por conseqüência, do entendimento textual em níveis aceitáveis.



Intertextualidade e leitura

É fácil perceber que não há uma única maneira de ler, ainda que toda a leitura tenha um propósito perfeitamente definido: lemos para nos divertir, para entender a seqüência de uma receita, para resumir, para estudar um assunto complexo etc. Estar no mundo é interagir constantemente com o outro. E o outro está também no texto. Como a transparência nunca é total nas relações humanas, há, no processo interacional, uma gama de implícitos que precisam ser desvendados quando se considera o contexto sociocognitivo dos participantes dessa interação. As diferenças, portanto, clamam por estratégias de ensino que coloquem o educando em contato com o que conhece e com o que não conhece ainda. É necessário, pois, estudar, em sala de aula, os vários gêneros textuais e explorar, em diferentes situações e com objetivos diversos, como os textos operam os registros lingüísticos e as finalidades comunicativas. Por isso, o ensino de leitura envolve a construção e a desconstrução desses textos, ressalta os efeitos provocados pelas alterações, cria intertextos e exige um professor e um aluno envolvidos num processo de construção de sentidos efetivos. Tal procedimento solicita colaboração de professores de todas as disciplinas do currículo e requer consciência da diferença entre saber usar a língua nos diferentes contextos sociais e saber analisá-la por meio do pensar sobre sua estrutura e funcionamento.

Quem ensina a ler precisa ter em mente, também, que todo texto é produto de criação coletiva, isto é, todo texto nasce em outro texto que o precedeu. A voz do produtor se faz ouvir ao lado de um coro de outras vozes que já trataram do mesmo assunto, já exploraram o tema e tomaram uma posição diante dele. Desse modo, um texto concreto mantém relações com a memória de cada um e de todos. Assim, há intertextos nos textos lidos e conhecê-los amplia significativamente a compreensão.

A intertextualidade, essa potencialidade de diálogo entre os textos, opera como um fator de textualidade que permite, para muito



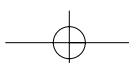
além da decodificação e da identificação das fontes, entender mais amplamente o que está posto, dito ou subentendido. A eficácia da comunicação durante a leitura atinge um grau ampliado quando o compreender se efetiva e produz sentidos. Um leitor amadurecido entende que um texto remete a outro para defender as idéias nele contidas ou para contestar tais idéias. Ter consciência desse jogo de sentidos alarga as possibilidades de leitura, acentua o espírito crítico e amadurece, pois a informação nova de cada texto se transforma em saber partilhado.

Não pode haver, nesse sentido, um método para se ensinar a ler, uma vez que cada experiência de leitura é um acontecimento singular. A atuação do professor, por isso, é fator determinante para que o educando possa assumir, gradativamente, o controle de sua própria leitura, possa regulá-la por meio da verificação de hipóteses até tornar-se um processador ativo do texto.

Os Cadernos de EJA e a leitura

Uma simples olhadela nos “Cadernos do Aluno” permitem constatar que o plano intertextual é a tônica. Ao tratar do mesmo tema em todos eles, as citações de outros textos são inevitáveis e muito positivas. Como encontramos, nas salas de EJA, alunos com diversos graus de capacidade leitora, trabalhar a leitura é função do professor que, quando atua como mediador, incentiva a sala a manifestar suas impressões sobre o texto e, assim, cria um clima amistoso em que o conhecimento de mundo de cada um se transforma em saber partilhado para todos.

Solé (1998) ressalta que muitas estratégias são realizadas de forma inconsciente por parte de leitores competentes. Para os leitores iniciantes, porém, precisam ser enfatizadas durante o processo de aprendizagem. Nos “Cadernos de EJA” toda leitura tem um propósito e as estratégias condutoras não perdem de vista esse foco central. Evidentemente, as questões a seguir não aparecem explicitamente no



Temas Qualitativos

texto em função das limitações de espaço, mas, sempre que julgar necessário, o professor pode delas se valer para entender como o aluno processa o que está lendo:

“O que tenho para ler? Por que preciso ler? Para que devo ler?”, a fim de compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura.

“Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes por não serem pertinentes para o propósito que perseguo?”, para dirigir a atenção ao fundamental em função dos objetivos perseguidos.

“Qual poderia ser o final deste texto? Que soluções poderiam ter o problema aqui exposto?”, com o intuito de elaborar e provar inferências de diversos tipos como interpretações, hipóteses, previsões e conclusões.

“Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis para mim? Que outras informações tenho que possam me ajudar a conhecer o autor, reconhecer o gênero e a tipologia do texto?”, com o propósito de ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para os conteúdos em questão.

“Este texto tem sentido?”, para avaliar a consistência interna do conteúdo expresso pelo texto, sua compatibilidade com o conhecimento prévio e o sentido comum.

“Este texto recorre a outros autores para dizer o que diz? Faz citações explícitas? Faz alusões a frases e afirmações já vistas em outros textos sobre o tema?”, para indicar a percepção da intertextualidade.

Todas essas questões podem ajudar o leitor a escolher seus próprios caminhos ao se deparar com problemas na leitura. O aluno pode, sempre com o auxílio do professor, apreender o que precisa ser entendido plenamente e, sobretudo, ganhar autonomia



de leitura à medida que aprende a solver as questões fundamentais para autodireção e autocontrole da leitura.

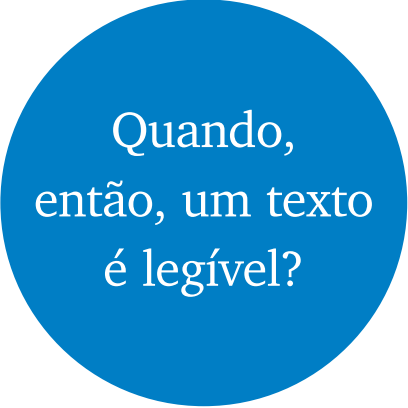
A ação educativa, como afirma Solé (1998), é um processo de construção conjunta em que professores e alunos compartilham progressivamente significados mais amplos e complexos e dominam procedimentos com maior precisão e rigor. O professor – e é fundamental que assim seja – funciona como um guia, à medida que garante o elo entre a construção que o aluno pretende realizar e as construções socialmente estabelecidas.

A metáfora do andaime, descrita por Solé (1998), resume com muita clareza o processo de ensinar a ler na escola: durante uma obra, os andaimes sustentam o futuro prédio. Tão logo o edifício fica pronto, os andaimes são retirados sem deixar rastros. A ação do professor é andaime para a formação do leitor competente. As reclamações do parágrafo inicial deste texto tenderão a desaparecer se, como professores, aceitarmos a função de andaimes que, embora invisíveis no produto final, suportaram, no dia-a-dia, o peso da construção do conhecimento. Ler é um processo de construção de sentidos possíveis.

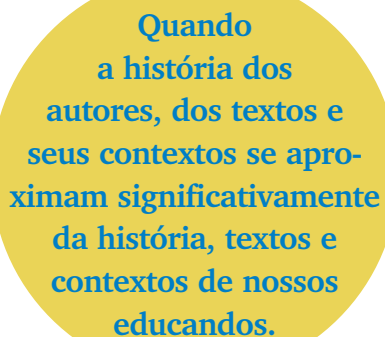
Portanto, na proposta pedagógica dos Cadernos de EJA, o texto assume um papel central, estabelecendo conexões entre as experiências vividas pelos educandos no mundo do trabalho, as reflexões de autores que abordaram esse tipo de experiência na sua produção escrita e os conteúdos escolares que possibilitam embasar a análise dessas vivência em conceitos científicos e fundamentos teóricos.

Do ponto de vista da prática do ensino, os textos servem como mote para a introdução dos conteúdos e, dessa forma, possibilitam uma abordagem que integra esses conteúdos e supera as fronteiras rígidas entre as diversas áreas do conhecimento.

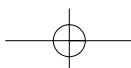
A adoção de temas ligados ao trabalho e o uso dos textos como referência para todas as disciplinas tornam viável a realização de propostas interdisciplinares de ensino, nas condições objetivas em que se dá o trabalho docente dos(as) professores(as) de EJA. Essa é a discussão detalhada a seguir.



Quando,
então, um texto
é legível?



Quando
a história dos
autores, dos textos e
seus contextos se apro-
ximam significativamente
da história, textos e
contextos de nossos
educandos.



Interdisciplinaridade e visão de mundo

Português, Matemática, História, Geografia... Nos exames vestibulares, nas coleções lançadas anualmente pelas editoras, nas grades curriculares das escolas, nos cadernos dos alunos, organizados com divisões “por matéria”, estamos acostumados a encontrar as diferentes disciplinas sempre separadas, isoladas em compartimentos, organizadas em espaços bem definidos nos horários e ministradas por diferentes professores.

Essa falta de comunicação entre as áreas, essa fragmentação do conhecimento – reflexo de um complexo processo social e histórico desencadeado pela revolução industrial, que exigia mão-de-obra especializada – têm deixado seqüelas profundas em nosso modo de pesquisar, de ensinar e, sobretudo, de pensar e ver o mundo.

Se os alunos, durante toda sua escolaridade e processo de aprendizagem, tomam contato com as disciplinas sempre divididas em segmentos que nunca dialogam, forçosamente desenvolvem uma percepção igualmente fragmentada dos conhecimentos de cada área. Isso, sem dúvida, acaba moldando uma forma de pensar que dificilmente incluirá a síntese, o que é compreensível, considerando que essa habilidade só é adquirida quando se aprende a buscar a visão global dos fatos.

Portanto, a organização compartimentada das disciplinas não pode preparar o sujeito para perceber a unidade das coisas, para observá-las e analisá-las por diferentes ângulos e estabelecer relações entre eles, uma vez que essas capacidades vão sendo conquistadas ao longo do tempo, à custa de muitas experiências de unidade. Em outras palavras, a visão parcelada do conhecimento é um obstáculo para o sujeito alcançar uma integração interna, porque não o instrumentaliza para ver o todo.

Fazendo o caminho contrário, podemos pensar que um ensino que conciliasse diferentes conceitos, de diferentes áreas; que integrasse as várias disciplinas e fosse capaz de substituir a fragmentação pela interação, daria ao sujeito a oportunidade de aprender a relacionar conceitos e, conseqüentemente, de construir novos conhecimentos, com muito mais autonomia e criatividade. Mais autonomia, porque ele teria aprendido a considerar fatores de diferentes ordens na realização de seus objetivos, inclusive de aprendizagem. Mais criatividade, porque a prática de relacionar implica também a arte de encontrar combinações inéditas, ousadas, saídas novas para velhos problemas. Esse seria um ganho inestimável do processo de ensino no novo milênio.

Outro aprendizado importante que essa nova forma de pensar traz em seu bojo é o fato de que as experiências bem-sucedidas de integração incentivam a disposição para buscar relações de complementaridade e estabelecer parcerias. A convivência com o outro, por sua vez, obrigatoriamente impõe a necessidade de administrar os conflitos e desentendimentos provocados pelas diferenças; de compreender a importância de considerar todas as colaborações possíveis; de respeitar e valorizar todos os campos de conhecimento, apesar das divergências. Nesse sentido, não é exagerado dizer que a convivência das disciplinas pode ser uma estratégia para desenvolver a noção de tolerância.

Enfim, parece correto concluir que, tanto quanto a vivência da compartimentalização incentiva o que é sectário e isolado, ou seja, a base do individualismo, a comunhão de áreas, de conceitos, de professores pode ser uma mensagem eloqüente sobre os benefícios da composição, da articulação de forças, da cooperação, que são a base da postura solidária. Considerando o tamanho dos problemas econômicos e ambientais que já enfrentamos, é de grande valia sonhar com um ensino que parte da integração e ensina os alunos a usufruírem melhor dos conhecimentos recebidos na escola.

Os desafios de uma proposta de unidade

Se a fragmentação representa a forma de organização que impera neste momento em nossa sociedade pós-moderna, a interdisciplinaridade pode ser encarada como uma nova forma – extremamente interessante e muito mais criativa – de institucionalizar a produção do conhecimento nas escolas, nos currículos, nos espaços da pesquisa. A pluralidade dos saberes parece ser o caminho mais inteligente para pensar o mundo e para sentir, viver e compreender a complexidade da realidade nestes tempos multifacetados de globalização, conflitos armados, ataques terroristas, corrupção nas esferas de poder, desigualdades sociais e riscos ambientais de conseqüências terríveis.

No entanto, mesmo para os professores que se entusiasmam com a beleza de criar um diálogo articulado entre as diferentes áreas do conhecimento, o desafio é enorme e demanda muito esforço. Basta observar que, mesmo nas escolas que abraçam a interdisciplinaridade, essa prática continua sendo uma experiência de exceção dentro do universo escolar, cuja organização permanece fundada na fragmentação do processo do conhecimento, incluindo os mecanismos de avaliação e a organização burocrática (horários, divisões de turma, etc.). Isso equivale a dizer que um dos primeiros desafios do processo interdisciplinar é de natureza bastante concreta: conseguir arquitetar um modo de organização do cotidiano que viabilize a interação entre os docentes das diferentes disciplinas.

Além disso, é preciso lembrar que os educadores que se arriscam nessa ousada aventura, trafegam, como já se disse de outros desbravadores, “por mares nunca antes navegados”, com a agravante de serem marinheiros de primeira viagem, uma vez que receberam, como todo o restante da sociedade, uma educação compartimentada. Para inaugurar esse novo tipo de procedimento, precisam aceitar justamente a posição do desbravador: aquele que, por ser o primeiro aprendiz, também precisa ser seu próprio mestre. A grande vantagem é

que, no trabalho cooperativo, esse desafio é compartilhado com os professores das outras disciplinas. Viver esse sentimento de grupo já faz a aproximação das áreas de estudo valer a pena.

Um grupo interdisciplinar é, portanto, composto por educadores que receberam formação em diferentes domínios do conhecimento – as chamadas disciplinas – mas aceitam o desafio de articular-se com outras áreas do saber, com outros métodos e conceitos; dados e termos. A equipe interdisciplinar também aceita iniciar um tipo de atividade para o qual não existe, já definida ou mesmo esboçada, uma cultura prévia de integração que sirva de apoio à iniciativa e forneça subsídios que orientem a elaboração ou mesmo a efetivação prática e concreta dos projetos.

Não bastasse isso, a interdisciplinaridade também exige que o território de cada campo do conhecimento – suas particularidades e especialidades – seja compreendido e respeitado. A idéia não é procurar um caminho para homogeneizar todas as ciências ou restringi-las a um enfoque. Pelo contrário. Para que haja a junção das partes, é fundamental que a objetividade de cada uma seja plenamente reconhecida e respeitada. Não é possível combater abordagem que restringe os conhecimentos a campos fechados e mundos particulares nem criar uma posição unificadora, sem que antes as diferenças sejam reconhecidas, compreendidas e, sobretudo, respeitadas.

Mas isso ainda não é o bastante. Além de reconhecer as diferenças, é preciso – e esse talvez seja um dos pontos mais difíceis de acertar – saber identificar onde se encontram as zonas de intersecção entre as áreas, ou seja, localizar os pontos que elas apresentam em comum. Para que isso aconteça, cada especialista precisa fazer um duplo movimento: transcender sua própria disciplina, a fim de abrir espaço de diálogo com outras áreas e identificar, em seu campo de estudo, onde se encontram as aberturas que permitem incorporar as contribuições das outras disciplinas.



Esse duplo movimento não só instrumentaliza o especialista a integrar novos conhecimentos ao seu campo de estudo, como também o leva a aprofundar o contato com o que a sua disciplina tem de mais específico e fundamental. Por isso, se a atitude interdisciplinar aumenta os momentos de insegurança e incerteza – porque o caminho é novo, porque não há padrões nos quais se pautar –, também confere ao trabalho do professor um sentido de liberdade, de autonomia, de autoria criativa, de apropriação madura do conhecimento, impossíveis de serem acionados nos métodos consagrados de ensino.

Uma vez formada a equipe Interdisciplinar, para que a articulação das diferentes áreas se concretize dentro da prática pedagógica do ensino regular, é preciso definir um campo de atuação comum, que viabilize essa composição. Uma possibilidade é criar um projeto capaz de comportar diferentes níveis de atuação do sujeito em torno de um objetivo comum. Nesse caso, a atuação não se encontra determinada por nenhuma disciplina, mas por um desejo comum de promover uma ação significativa. As áreas funcionam, neste contexto, como diferentes possibilidades de ação e intervenção sobre a realidade.

Este objetivo comum pode ser, por exemplo, uma campanha para melhorar o ambiente de estudo e convivência dentro da própria escola. A observação geográfica do prédio e a apropriação de seus ambientes por meio de mapas, plantas e maquetes pode ser ampliada pelo estudo da História desse espaço, ou seja, dos processos históricos que definiram a maneira de usá-lo e de se comportar nele. Discutir se essa organização deve ser mantida ou mais bem adequada à realidade do presente torna-se, em Língua Portuguesa, momento privilegiado para trabalhar os instrumentos argumentativos do debate. Uma vez compreendida a escola em seus aspectos concretos, sociais e históricos, Ciências, Artes e Educação Física podem oferecer boas saídas para torná-la mais funcional, agradável e bem aproveitada.

O texto: espaço privilegiado para integração de áreas

Um ponto privilegiado para estabelecer o encontro entre as diversas disciplinas é o texto, aqui considerado não só como texto escrito, mas também filmes, músicas, propagandas, enfim, todos os gêneros textuais sociais disponíveis. Dentro do espaço textual, as áreas convergem, se entrelaçam, se expandem em inúmeras direções. Isso acontece porque a natureza dos textos, muito longe de ser fragmentada, é essencialmente relacional. Basta lembrar que um texto não é um aglomerado de frases, mas frases relacionadas e que sua interpretação só chega a bom termo se cada parte for confrontada com as demais.

O processo de leitura é marcado, portanto, por movimentos contínuos de análise e de síntese. O leitor precisa desdobrar o material em suas partes constituintes e só pode fazê-lo quando percebe como foram organizadas e conectadas pelo autor. Por outro lado, de nada vale o leitor identificar as partes do texto se esses pedaços não o levarem a um sentido, a uma unidade. Para encontrar esse sentido, é preciso reconstituir o todo, discriminar quais são os pontos principais, pesar o que é essencial e o que é secundário. Como se vê, o ato de leitura é todo feito de integração de partes. A leitura bem feita leva à identificação de uma unidade de sentido.

No entanto, para que a leitura de fato se complete em uma unidade, é preciso relacionar o texto ao contexto em que foi produzido. O leitor que não é ingênuo sabe que todo texto participa de um debate de escala mais ampla. Apesar de qualquer aparência de neutralidade, há sempre um posicionamento e uma questão posta em debate, pois o texto nasce de uma intenção. Isso se aplica tanto ao texto do jornal, cujo papel é fazer ver o que acontece no mundo, quanto ao romance, cujo personagem principal defende uma visão específica da realidade que, por



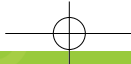
muito individual e original que pareça, concretiza-se em um sujeito histórico que está localizado em algum tempo e situado em algum lugar.

Assim, todo texto – até mesmo o ficcional – é um pronunciamento sobre uma realidade. O autor trabalha com as idéias de seu tempo e da sociedade em que vive, defende ou ataca crenças e valores que escolheu ou pelos quais foi formado. Textos são produções humanas e os homens não vivem no abstrato, cumprem as condições de existência. Todo texto funciona como um receptáculo para os sentimentos, pensamentos, esperanças e medos de um povo em uma determinada época. Eis porque pode realiza um entrocamento das diferentes disciplinas.

Como a sociedade vê a realidade por vários ângulos, porque se encontra dividida em diferentes grupos sociais, que defendem interesses diversos, quando não antagônicos, o mesmo dado pode ser observado por muitos pontos de vista. Analisar as idéias de um texto também é estudar o diálogo que ele estabelece com outros textos. No nosso caso, este material vale-se da plurissignificação textual, para realizar a convergência das áreas: debruçadas sobre o mesmo objeto, cada disciplina orienta o olhar do aluno por um viés diferente. O ponto de articulação entre esses olhares é o resultado da interdisciplinaridade, o elemento de unidade.

Isso significa que, embora a estratégia de cada área analisar o texto separadamente se repita ao longo do livro, as abordagens sempre se renovam porque, a cada aula, as áreas de conhecimento propõem uma atividade de leitura diferente da anterior e renovam sua composição com as outras. Muda também o campo de intersecção, porque todo texto é um produto inédito. Vamos dar um exemplo de como isso acontece, analisando as atividades planejadas para o Texto 2, uma entrevista feita por professores de História com representante de uma comunidade de ex-escravos.

O gênero textual – a entrevista/depoimento – pressupõe o interesse em dar voz a alguém. Quanto esse objetivo encontra-se menos

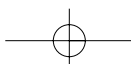


focado, o articulista prefere o discurso indireto. No caso, a introdução chama a atenção do leitor para a importância que um depoimento como aquele tem para que as futuras gerações possam compreender um fato da nossa história: o escravismo colonial. Sob qual ângulo cada disciplina estabelece seu foco de leitura? Qual foi o enquadre escolhido por cada uma? Para entender essa lógica, basta observar os objetivos indicados nas aulas.

No caso do nosso exemplo, Geografia chama a atenção do aluno para a violência da relação escravagista e expande essa observação com uma informação fora do texto: a importância que teve para o nosso país a riqueza gerada pelo trabalho dos escravos. Ressaltar esse fato dá ao aluno possibilidade de relacionar o tamanho da contribuição desse contingente de mão-de-obra e a violência da exploração a ele impingida. Isso, sem dúvida, leva a entender que essa riqueza foi conquistada sem nenhum benefício e com grande sofrimento de quem a produziu.

Essa percepção torna-se mais emocional, mais afetiva, à medida que vem relatada por quem a experimentou na pele. Nesse caso, a entrevista é uma ótima escolha de gênero, porque promove contato direto com a forma de expressão oral desse grupo. O reconhecimento da importância e dignidade dos escravos é reforçado, pelos estudo dos níveis de linguagem pela compreensão de que as variações lingüísticas não constituem erros, mas resultados de processos sociais e históricos. Assim, Geografia e Língua Portuguesa convergem para um ponto que as ultrapassa, mas também as une: a valorização de um grupo social que ainda hoje sofre as marcas da violência impostas nos séculos anteriores, estendidas, hoje, em preconceito e desigualdade social. E se a área de História assinala essa relação, suscitando a comparação entre passado e presente, a Economia Solidária oferece a produção coletiva como uma saída renovadora para um velho padrão de violência.

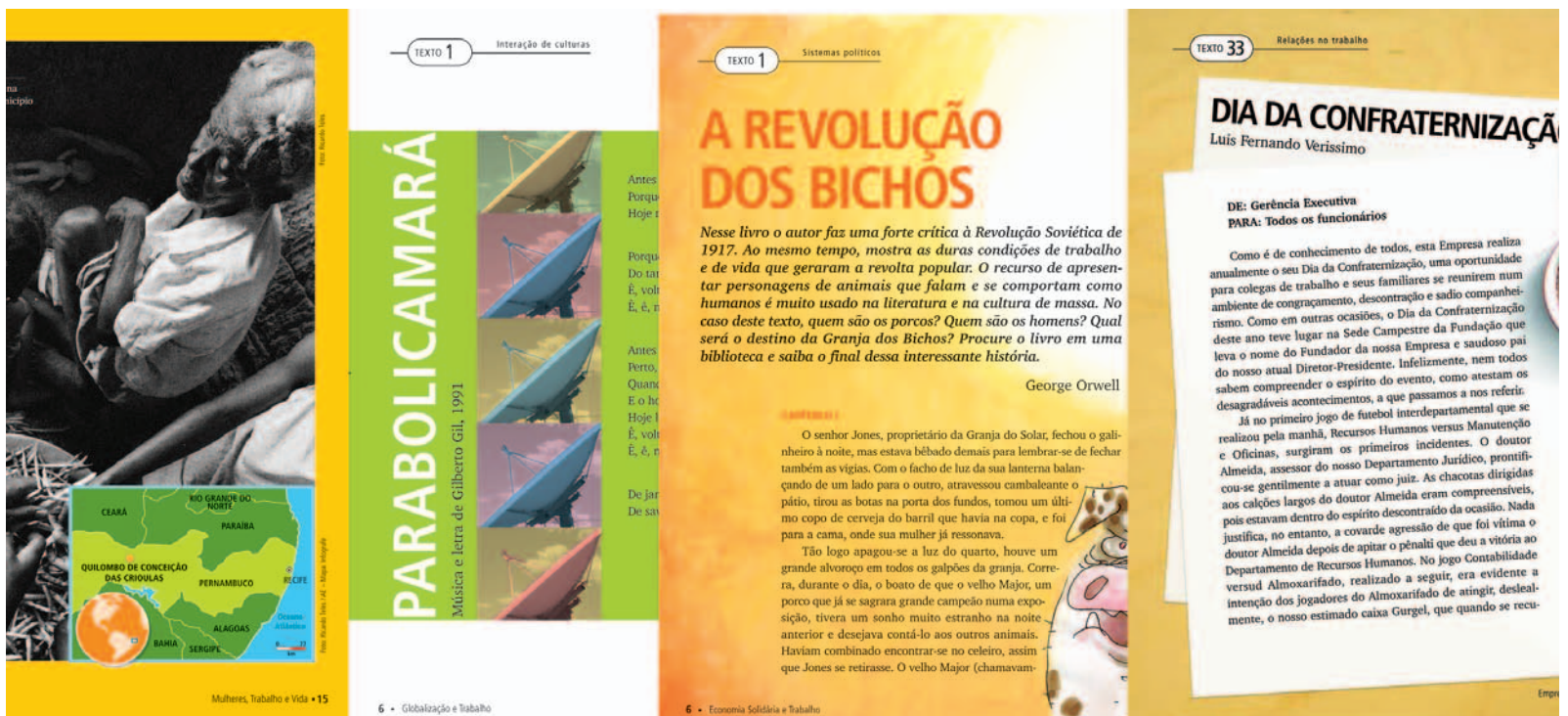
A multidisciplinaridade ocorre quando as disciplinas trabalham lado a lado em aspectos distintos de um único problema. No caso





que acabamos de analisar, os componentes distintivos das disciplinas (a produção de riqueza, a variedade lingüística, a noção de cooperativa) serviram ao objetivo comum de diminuir a ignorância que leva ao preconceito e à desvalorização de uma parcela da população que ainda hoje é a mais explorada. Nenhuma das disciplinas citadas conseguiria, sozinha, alcançar esse resultado. Ele só foi possível pela integração e cooperação.

Essa integração aqui apontada não elimina a especificidade e a identidade próprias de cada componente curricular. Ao contrário, a inter ou multidisciplinariedade pressupõem a existência das disciplinas, com professores(as) especializados. Enquanto essa estrutura permanece como base da organização do trabalho escolar, especialmente no segundo segmento de EJA (5^a. a 8^a. séries), a busca de uma articulação das disciplinas se coloca como um desafio para toda a equipe escolar. Os tópicos a seguir explicitam a abordagem específica de cada componente ou área na elaboração das atividades sugeridas no material.



Abordagens pedagógicas,
temas e subtemas da coleção

Português

Um famoso verso de Milton Nascimento pode traduzir – muito claramente – a concepção utilizada para as atividades de Língua Portuguesa nos cadernos de EJA: “Já não sonho, hoje faço com meu braço o meu viver”. Os jovens e adultos que, por inúmeros motivos, deixaram de freqüentar o estudo considerado “regular”, por certo trilham caminhos nem sempre suaves no exercício de aprender a viver. A escola da vida mostra a necessidade de voltar para a sala de aula e, por isso, tanto ensinar quanto aprender assumem, nas classes de EJA, um caráter estreitamente vinculado à realidade. Forjados no braço, esses cidadãos-alunos não dão espaço para a artificialidade da escola: querem-na – e com razão – como um espaço para construção de novos sentidos para o existir.

Essa concepção de ensinar para refletir sobre o viver perpassa todas as atividades dos cadernos de EJA. O tema central, vinculado ao trabalho, dá o mote para transformar

as experiências de leitura e de produção de textos em momentos muito honestos de efetiva interação entre leitor, texto, professor e mundo. As histórias de vida, por certo muito ricas, são consideradas trampolim para ampliar a produção de sentidos no exercício de ler e de escrever. As reflexões epilingüísticas e metalingüísticas vinculam-se a necessidades reais de aprendizagem e, quase sempre, convidam o educando a participar de um processo lúdico que busca acentuar a reflexão sobre o ato de aprender e de posicionar-se no mundo. Pretende-se, assim, uma educação comprometida com o desenvolvimento do pensamento autônomo e crítico.

Nesse sentido, todo o esforço metodológico resume-se no exercício da liberdade, da imaginação e da revelação de talentos para aprender a conhecer e aprender a fazer e, assim, formar cidadãos críticos por meio de reflexões sobre a língua, seu uso e seus poderes.

Matemática

As propostas de atividades de Matemática buscam promover uma relação entre os saberes adquiridos nas experiências fora da escola e aquelas que serão desenvolvidas no processo escolar. Os jovens e adultos da EJA, apesar de terem pouca ou nenhuma experiência escolar, pensam, falam e operam por meio de diferentes linguagens, inclusive a linguagem matemática. De modo geral, estes jovens e adultos fazem cálculos mentais, mas revelam pouca experiência de leitura e escrita.

Compreendemos que, no processo escolar, ler e escrever [é] compromisso de todas as áreas. Neste caderno, conceitos e linguagem matemática foram usados como ferramentas para compreensão dos textos. O objetivo é a leitura dos textos buscando possibilitar que os próprios estudantes expressem suas interpretações acerca deles. Neste sentido, a transposição de uma forma de linguagem para outra – da linguagem oral para a escrita matemática, de um gráfico para a linguagem oral, da escrita para um esquema ou para um gráfico etc. – são movimentos que oportunizam aos alunos o progressivo domínio da leitura, da escrita e da Matemática. O

importante é que o estudante possa experimentar suas próprias formas de expressar seu pensamento.

A problematização de situações do cotidiano mobiliza os estudantes para a aprendizagem. Assim, os educandos são convidados a formular e resolver problemas apresentados pelo texto relacionando-os com suas próprias situações cotidianas e do mundo do trabalho.

Buscamos, sempre que possível, re-significar conceitos, procedimentos e algoritmos matemáticos, situando-os histórica e culturalmente. Aqui, a matemática não se resume aos cálculos numéricos: ela organiza, classifica e apresenta informações quantitativas e/ou qualitativas, segundo princípios definidos pelos estudantes.

A tarefa do professor, na mediação das atividades, também é ativa, sendo convidado a mobilizar os saberes prévios dos alunos, contextualizando e problematizando a temática em foco. As atividades serão, então, recriadas pela relação pedagógica. É o que esperamos.

Ciências

Professores com experiência de pesquisa e ensino foram autores das atividades de Ensino de Ciências, nas quais as coletâneas são pontos de partida para discussões de conteúdos, destacando a importância fundamental da leitura.

A utilização de textos acessíveis e corriqueiros – como os textos jornalísticos – em atividades de ensino não é simples, sobretudo no que se refere à falta de precisão conceitual. Esse tipo de problema não se restringe aos textos comuns e requer especial atenção por parte do professor, no sentido de complementar e, até mesmo, corrigir materiais que usa em suas atividades didáticas.

As atividades da área de Ciências sugeridas no trabalho com os textos colocam o conhecimento científico como ferramenta para o entendimento ou sua ampliação conceitual. Essa particularidade, em si, já representa um avanço em relação aos livros didáticos dessa área em que textos ocupam um espaço instrumental ou secundário, por causa da reificação das teorias por meio de fórmulas algébricas ou listas de conceitos. As fórmulas e os conceitos evidentemente são sín-

teses importantes dos modelos e teorias, representando de uma forma bastante simplificada o conhecimento. Por isso seu uso e aplicação também são contemplados nas atividades sugeridas ao professor. Entretanto sua inserção serve para ampliar o entendimento e não se dá como objetivo único, tal qual nos textos didáticos tradicionais.

As atividades sugeridas procuram focar conhecimentos específicos e aspectos como pesquisa, observação, sistematização de dados, debates e busca por fontes de informação adicionais (como os serviços públicos de saúde ou de dados sociais). Contemplam áreas de conhecimento tradicionais da Ciência (Química, Física e Biologia) bem como discussões atuais (Educação Ambiental), mostrando ao professor possibilidades tanto para opção de implementações como possíveis variações que devem ser construídas, segundo seu contexto de trabalho.

História

O ensino de História no Brasil tem sido amplamente debatido nos últimos anos. Várias questões são objeto de discussão: o papel e os objetivos da disciplina, os currículos, os temas, as metodologias, os materiais, as avaliações e outras dimensões do ensino e aprendizagem em História, dentre elas a relação com o processo de alfabetização. Alguns educadores ainda insistem: é possível ensinar História sem alfabetizar? Outros questionam: é possível alfabetizar sem História?

Nesse projeto, defendemos um processo em que não é possível ler e compreender o mundo, produzir sentidos e significados de forma fragmentada. A alfabetização pressupõe um trabalho de leitura, de memória, de diálogo com a realidade social e histórica. A concepção de História, norteadora da proposta, busca romper a linearidade, a fragmentação de fatos, marcos da História do Brasil e do Mundo. Privilegiamos o estudo de temas e problemas que possibilitam a compreensão da experiência humana em diversos tempos e

lugares. Refletimos sobre como os diversos sujeitos e grupos sociais – homens, mulheres, crianças, idosos, negros, brancos, indígenas, ricos e pobres – viveram e pensaram suas vidas. Logo, tudo aquilo que é evidência, registro das ações humanas, tem valor para o estudo da História. Diferentes fontes e linguagens foram incorporadas ou sugeridas nas atividades: documentos oficiais, textos, imagens, poesias, canções, obras de arte, imprensa, fotografia, filmes, depoimentos orais, etc.

Acreditamos que na educação escolar, sobretudo na EJA, o professor não opera no vazio. Os alunos trazem consigo um conjunto de saberes históricos, valores culturais e políticos, crenças, atitudes, comportamentos adquiridos ao longo de suas vidas, nos diversos espaços de vida. Logo, a metodologia de trabalho requer um diálogo permanente entre os diversos saberes, o debate de diferentes concepções, análise, síntese e produção de novos saberes.

Geografia

O conceito de espaço geográfico, como o produto das relações entre a sociedade e desta com a natureza, pela mediação do trabalho, é o fio condutor que norteia a confecção das atividades. A observação e descrição de elementos da paisagem, seja ela sob o formato de texto ou imagem, foram utilizadas como ponto de partida para a exploração dos conteúdos que explicam a sua complexa composição.

A tentativa de associar o cotidiano dos alunos aos materiais do caderno, serviu à reflexão geográfica para a análise e compreensão da lógica de distribuição das formas sociais e naturais, com suas desigualdades e diferenças.

Os estudos da natureza, que guarda ainda uma dinâmica própria, mas que foi dominada e apropriada pelo homem ao longo de seu processo civilizatório e que hoje é objeto de compra e venda no mercado, também foi objeto de preocupação no trabalho.

Assim, a compreensão de que vivemos numa sociedade historicamente determina-

da, marcada pela exploração e desigualdade e o arranjo territorial resultante desta relação da sociedade com a natureza, parece ser um caminho que permite ao aluno o exercício da reflexão em geografia.

A leitura e observação atenta do material, a identificação dos elementos naturais e humanos que são observáveis na paisagem da fotografia ou na exposição do texto, a descrição de suas características, a contextualização histórica do fato, a associação com elementos do cotidiano e o arranjo das formas no espaço permitem ao professor uma rotina confiável de exploração qualitativa do tema e, ao mesmo tempo, ao aluno é dada a chance da apropriação do conhecimento.

As atividades procuram, desta forma, estimular o debate em sala de aula e a reflexão sobre os temas que os Cadernos de EJA proporcionam, a partir da visão parcelar da Geografia, mas na busca do conhecimento amplo, consciente, crítico e transformador da realidade que nos cerca.

Artes

A elaboração das atividades desta área partiu do entendimento de que a arte tomada como linguagem acontece num ambiente cultural no qual o ser humano articula o visível e o invisível. Da íntima relação entre o mundo visível, aqui entendido como a natureza e as criações humanas, e o mundo invisível calcado na experiência humana do mundo e com o mundo o artista **fala** por meio da obra, tecendo uma rede de significações, comunicando algo para um outro humano.

O objetivo principal dos exercícios propostos nos diferentes cadernos foi trabalhar a **escuta**, ou seja, sensibilizar os alunos de EJA para o estado de arte presente em todos nós, não como artistas que dominam uma técnica em particular, mas como seres sensíveis à criação e à experiência estética, capazes de transitar entre o real e o imaginário dando-lhe sentido.

Não há fala sem escuta. A arte não existe em si. Ela nasce em alguém e se completa na relação com o outro.

Alguns aspectos foram considerados rele-

vantes para a criação e apresentação dos exercícios.

A apresentação da arte como uma forma de conhecimento.

O entendimento e a vivência de que a arte é algo presente no cotidiano e não privilégio único de ambientes especiais.

A discussão de que a arte traduz uma visão de mundo que parte de um artista para um coletivo. Ou seja, que ela é criada e interpretada num contexto cultural. Contexto esse que articula a cultura familiar, a cultura local, a cultura geral e o conhecimento que se tem da linguagem artística em especial.

O exercício de técnicas específicas das diferentes traduções da linguagem da arte: teatro, dança, fotografia, cinema, artes plásticas, música e literatura.

O papel social da arte como transformadora do ser humano, na medida em que amplia horizontes de compreensão e simbolização das coisas do mundo.

E, finalmente, que a arte constitui-se em campo de trabalho possível.

Inglês

Adotar uma única metodologia para o desenvolvimento das atividades de língua inglesa não é adequado, mesmo em situações mais homogêneas, devido às diferentes formas de aprendizado. Após testes de dominância cerebral, chegou-se à conclusão de que cada um aprende de forma diferente – analítica, controladora, relacional e experimental. Já não se tem mais tentado uniformizar o ensino, mas sim levar cada pessoa a descobrir sua forma de aprender e incentivá-la a seguir pelo caminho escolhido. O material pode ser dividido em dois estilos básicos de atividades:

1 Estruturais: com explicações gramaticais fundamentais seguidas de alguma prática oral e/ou escrita, de forma que o professor tenha condições de controlar a prática e possa corrigir erros;

2 Lúdicas: com atividades ligadas ao vocabulário e ao contexto social (como expressões utilizadas no dia-a-dia dos falantes nativos do inglês), de modo a familiarizar o aluno com o idioma e aumentar suas condições de compreender textos e fala. De modo geral, a linha mestra adotada foi a de tornar as aulas de inglês tão prazerosas quanto possível, levando o aluno a uma experiência agradável e instigante, para que, mesmo não alcançando o ideal (fazer com que o aluno fale com fluência o idioma), ele possa ter curiosidade e queira seguir com pesquisas próprias nesta área.

Espanhol

Os textos e as atividades dos Cadernos de EJA em língua espanhola tem o objetivo de aproximar esse idioma a uma parcela da comunidade escolar brasileira vista como de menor prestígio, portanto com menos possibilidades de contato com línguas estrangeiras.

Os textos e as atividades relacionadas à temática do universo do trabalho podem ser uma oportunidade para incorporar um tipo de atividade que estimule a comunicação e a interação no grupo sempre partindo do tema Trabalho, relacionando-o com a diversidade cultural, a segurança no trabalho, a preservação do meio ambiente, a juventude e o mundo do trabalho, a economia solidária, o emprego e o desemprego.

Como material complementar, e por não estar pensado para trabalhar funções concretas e sequenciais da língua, os professores poderão adaptá-lo ao conteúdo funcional ou estrutural do programa desenvolvido com os alunos e às diferentes áreas do conhecimento, atendendo ao mesmo tempo o desenvolvimen-

to das quatro destrezas lingüísticas: compreensão leitora e auditiva, expressão oral e escrita. O professor poderá adaptar as atividades sugeridas de acordo com a familiaridade dos alunos com o espanhol e promover os debates e discussões conforme as características de cada região.

Os textos foram selecionados com a intenção de oferecer uma pequena mostra das variantes do espanhol peninsular e do espanhol americano em diferentes gêneros e tipologias textuais e, portanto, em diferentes linguagens e registros, e de aproximar os alunos à cultura do Mercosul no processo de integração entre os países membros e associados e que têm como língua oficial o português e o espanhol.

Saber uma língua implica um conhecimento de estratégias reais de uso e estar familiarizado com os aspectos culturais e pragmáticos dessa língua para manejá-la como instrumento no acesso a informações de diferentes povos e grupos sociais.

Educação Física

Esse texto tem por objetivo esclarecer ao professor os pressupostos que orientaram a elaboração das atividades de Educação Física nesse material didático.

A elaboração das atividades pretende estabelecer a relação dessa disciplina com a vida, focalizando o aluno que frequenta as aulas de EJA, de forma a contribuir na melhoria da qualidade de vida e no desenvolvimento de diferentes aprendizagens.

A partir disso, as atividades propostas tiveram os seguintes pressupostos:

1 A concepção de movimento nas atividades de Educação Física não se resume a apenas movimentar-se, mexer o corpo, fortalecer músculos e respirar adequadamente. O movimento nelas é mais abrangente e envolve a cultura dos alunos que desenvolvem as atividades, cultura esta que revela modos de pensar e viver, motivos que estão subjacentes a esses estilos de vida, aprendizagens já vivenciadas por eles em diferentes contextos e, principalmente, a vivência em grupo, partilhando visões de mundo, experiências, pontos de vista em relação aos assuntos tratados nas aulas, de modo a gerar novas aprendizagens em todos os envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem.

2 O resgate e o desenvolvimento do aspecto lúdico nas atividades, de modo a incentivar a participação de todos os alunos de forma pra-

zerosa e inclusiva, rompendo com a visão de que as atividades de Educação Física exigem um determinado padrão de indivíduo apto biologicamente e de que se referem apenas ao esporte. Nesse pressuposto, o principal é a criação nos alunos de motivos para participarem das atividades, sentindo-se integrante de um grupo em que cada um tem muito a ensinar e a aprender com o outro, em que as diferenças entre as pessoas, seu modo de vida, sua cultura, agem como o motor dessas aprendizagens.

3 O corpo nessa abordagem é encarado não apenas como um amontoado de músculos, órgãos e membros, mas, sim, como um corpo que pensa, raciocina, sobre o que está vivenciando, tem emoções, transmite sentimentos, escuta o outro, aprende com as vivências dos colegas, expõe seus pontos de vista, dialoga com o grupo e com si próprio, refletindo sobre as aprendizagens que está desenvolvendo, de modo a levá-las para sua vida cotidiana, família, trabalho, comunidade, etc.

Nessa abordagem a Educação Física transcende o espaço da sala de aula, supera preconceitos ao discuti-los nas atividades, insere-se na vida do aluno fornecendo-lhe as ferramentas necessárias para a reflexão e a mudança de sua relação com o próprio corpo, com as atividades cotidianas de trabalho e lazer, promovendo a melhoria da qualidade de vida e transformação social.

Educação e Trabalho

Os pressupostos básicos que nortearam a elaboração de atividades sobre Educação e Trabalho foram:

1 O trabalho constitui a essência do ser humano. Através do trabalho a humanidade produz e reproduz as condições necessárias para a existência social. Ao mesmo tempo, o trabalho é a atividade fundamental em que se constrói a sociabilidade dos indivíduos. Portanto, o trabalho ocupa um lugar central em qualquer forma de sociedade e para todos os indivíduos, por se tratar da forma principal de intercâmbio do Homem com a Natureza e com os outros Homens, elemento imprescindível para a continuidade e desenvolvimento da vida humana.

2 Através do trabalho se produzem não apenas os produtos necessários à vida humana, mas também os conceitos, símbolos, idéias e toda a cultura não material que também é necessária para a reprodução da sociedade humana.

3 As relações de trabalho influem sobre a forma de organização da sociedade, determinando um conjunto de outras relações.

4 Na sociedade capitalista, o trabalho se converte em uma mercadoria, levando

essa atividade a perder seu conteúdo humanizador. Nesse contexto, a luta pela emancipação do trabalhador de todas as formas de alienação e opressão torna-se o principal desafio para a construção de uma sociedade mais justa.

5 A educação, entendida como formação, em cada indivíduo, das capacidades humanas desenvolvidas socialmente no e pelo trabalho, precisa estar comprometida com esse processo emancipatório.

Com base nesses pressupostos, as atividades de Educação e Trabalho foram elaboradas com a finalidade de desafiar os educandos a refletirem criticamente sobre a situação do trabalho na sociedade atual, vislumbrando possibilidades e caminhos para uma transformação dessa sociedade. Para isso, as atividades promovem o debate e a ação coletiva, questionando a realidade com base nas informações fornecidas pelos textos. Partindo desses debates e da leitura crítica do real, as atividades sugerem também a elaboração de textos, cartazes, desenhos etc. expressando a compreensão que os educandos vão adquirindo dos mecanismos subjacentes a essas relações de trabalho.

Economia Solidária

A concepção metodológica que norteou a elaboração das atividades de economia solidária fundamentou-se na importância de se trabalhar o processo criativo dos alunos, o conhecimento da sua realidade e a partir dela produzir novos conhecimentos. Os textos e as atividades sugeridas têm como propósito subsidiar a discussão dos conteúdos que deve ocorrer sempre de forma dialogada entre o(a) professor(a) e os alunos, no sentido de que seja estimulada a fala, valorizadas a troca de experiências e as vivências pessoais e profissionais, ou seja, o próprio cotidiano.

Esse diálogo e interação constantes entre os envolvidos no processo educativo e a realidade que vivenciam, além de possibilitar a geração de um novo conhecimento, favorecem, por meio do desenvolvimento das atividades propostas e dos textos, o exercício de princípios e valores que norteiam as práticas da economia solidária, entre eles: a demo-

cracia, a participação, a socialização das informações, a solidariedade, a cooperação, entre outros.

A metodologia utilizada permite também conhecer outra forma de fazer a economia, a possibilidade de gerar trabalho e renda por meio do trabalho coletivo autogestionário, aspectos que diferenciam a economia solidária da economia capitalista, outra lógica de exercitar as relações e gestão de trabalho, etc.

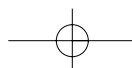
A proposta é que os alunos sejam diretamente envolvidos nas discussões, que sejam estimulados a exercitar a pesquisa, a conhecer melhor a sua comunidade, a conhecer experiências no âmbito da economia solidária e as possibilidades de exercício de práticas produtivas que envolvem o processo organizativo do trabalho coletivo autogestionário.



Ciências Economia Sol

Índice de Atividades

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
ARTES	Globalização e Trabalho	2	Encontro de culturas	II	14			6	Simbólico	I e II	33	
		5	Um herói brasileiro	II	28			11	O que fazer quando a maquina chega	I e II	53	
		9	Meu coração está em...	I e II	38			16	Bens naturais	I e II	72	
		10	Incerteza como ponto de partida para criação	I e II	41			18	Coro de gritos	I e II	80	
		11	Móbile	I e II	49			Tecnologia e Trabalho	1	A maquete	I e II	8
		16	Amor pela terra	I e II	59				2	Exisitrá uma quarta revolução industrial?	I e II	14
		23	O que sei do que tenho	I e II	76				3	Os inventores e suas invenções	I e II	19
		23	A charge	II	77				6	Entrando na Rede	II	27
		24	Um programa de Rádio	I e II	80				7	Informação	I e II	34
									8	A criação	I e II	38
Juventude e Trabalho	2	O Baile de máscaras	I e II	12	11	A presença da arte no cotidiano	I e II	49				
	4	Um dia ocupado com cultura	I e II	23	12	Ir e vir	I e II	53				
	6	Grafite ou pichação? Uma escolha	I e II	31	21	Necessidades humanas	I e II	78				
	7	O primeiro hai-kai	I e II	38	22	A energia que nos move	I e II	83				
	9	Trabalho e prazer	I e II	47	Diversidades e Trabalho	4	Velhas histórias tão presentes	I e II	17			
	13	O trem	I e II	61		5	O corpo misto	I e II	18			
	15	E se Deus não der?	I e II	70		6	Hip-Hop	I e II	27			
	16	Aprendiz de feiteiro	I e II	73		14	A linguagem do corpo	I e II	49			
	17	Mundo	I e II	81		16	O jogral da cultura	II	57			
						18	Pintura em tecido	I e II	63			
Economia Solidária	1	Animação	I	8	21	Culturas diferentes	I e II	76				
	4	A notícia	I e II	24	22	Sentidos	I e II	82				
	5	Cultura sul americana	I e II	30	23	Salada mista	I e II	88				
	7	Dramatização	I e II	38	Emprego e Trabalho	1	Formas e cores	I e II	8			
	9	O Estatuto	I e II	49		6	Memória	I e II	29			
	11	A classe	I e II	58		8	O essencial	I e II	35			
	15	Quem somos	I e II	73		11	Objetos animados	I e II	42			
	20	A musicalidade da língua	I e II	88		14	Três campanhas	II	50			
	21	A escultura	I e II	90		19	Dia de lazer	I e II	62			
	Mulher e Trabalho	6	Diferença ou igualdade?	I e II	30	21	Posição Inicial	II	67			
8		Nós	I e II	36	26	Estradas	I e II	82				
10		A mulher e as mudanças	I e II	40	27	Procura-se patrão	I e II	91				
11		Novela de rádio	I e II	44	Saúde e Trabalho	2	Aviso de segurança	I e II	12			
13		Árvore genealógica livre	I e II	55		5	Novela de rádio	I e II	21			
17		O que faz de mim um ser ímpar	I e II	63		9	O corpo	II	34			
19		Diaristas	I e II	69		10	Tempos modernos	I e II	36			
22		Memórias femininas	I e II	79		11	Agenda corporal	I e II	39			
24		Poemas	II	85		19	Perigo, construção à vista	I e II	60			
Trabalho no Campo		1	A cidade ideal	I e II	8	22	Reportagem	I e II	68			
	2	O jornal	I	17	23	Orquestra "24 horas"	I e II	72				
	3	O rito	I e II	20	25	A escuta	I e II	80				
	4	Carimbo Portinari	II	23								



Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.			
ARTES	Cultura e Trabalho	2	Crenças e ritos	I e II	11			15	Carnavais	I e II	51			
		4	Opções de desenho	I e II	19			20	Malandragem	I e II	68			
		5	Jantar virtual	I e II	24			22	Escola de Samba	I e II	72			
		11	Cordel	I e II	47			23	Abrindo os ouvidos	I e II	74			
		12	Teatro invisível	I e II	50			24	Vítrola	I e II	77			
		15	Cena épica	I e II	64			28	Trocando as bolas	I e II	82			
		17	Dança-teatro	I e II	69									
		18	Cultura de massa: cultura popular?	I e II	73									
		21	Encontro cultural	I e II	84									
		21	Maracatu	I e II	85									
	Tempo livre e Trabalho	5	Saudação de violeiro	I e II	20			3	Vovó é quem sabia	I e II	24			
		11	Dia de ócio	I e II	43			7	A arte do cotidiano	I e II	35			
		12	O batente no lazer e vice-versa	I e II	48			16	Transformação	I e II	65			
	CIÊNCIAS	Globalização e Trabalho e Trabalho	1	De onde vem esse som?	II	18			18	Mimetismo e relações ecológicas entre os seres vivos	I	83		
9			Por quem bate seu coração	II	39	21			O que o solo nos dá	I	91			
14			Onde usamos petróleo?	II	52									
17			Como entendemos o trabalho na física	II	63									
21			Você produz lixo?	II	67									
21			Consumismo e recursos naturais	II	68									
21			Qualidade de vida e consumo	I e II	69									
Juventude e Trabalho			3	Estresse	I e II	13					2	O que mata não é o medicamento, é a dose?	I e II	15
			3	O lobo guará	I e II	17					3	Conservando alimentos industrializados	II	17
		3	Seres vivos	I	18			4	Um segundo na vida	I e II	22			
		6	Como funciona o spray e o vaporizador?	II	32			8	Vamos entender a tabelinha	I e II	37			
		10	Norte, Sul... Vamos construir uma bússola?	I	53			10	Como funciona uma panela de pressão ?	II	41			
		16	Apicultura	I e II	74			10	Quem sabe fazer sabão	II	42			
		16	Insetos	I e II	75			13	Tudo começou com meias de nylon	I e II	56			
		Economia Solidária e Trabalho	19	A importância da esterilização de instrumentos cirúrgicos	I e II	88								
			1	Digestão	II	9								
2			Nutrição	I e II	12									
5			Como anda teu coração?	I e II	31									
6			Desertificação	I e II	33									
7			Curva de rio	I e II	39									
8			Articulações	I e II	44									
Meio Ambiente e Trabalho														
Mulher e Trabalho														
Trabalho no Campo														
Tecnologia e Trabalho														

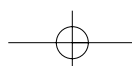


Ciências Economia Sol

CIÊNCIAS

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
	9	Ritmos biológicos: Regra e menstruação	I e II	40
	11	Ufa, que vida doce!	II	50
	16	A comida estragou!	I	67
	16	Pasteurização e esterilização	I e II	68
	16	Bebidas fermentadas e destiladas	I e II	69
	17	Como funciona uma cisterna?	II	71
	22	O que é eletricidade?	II	84
	22	Geração de energia e impactos ambientais	I	85
	23	Manipulando o material genético	I e II	89
Diversidades e Trabalho	3	Trocias gasosas	I e II	13
	3	Sistema respiratório	I e II	14
	7	Diferenças físicas e herança biológica	II	29
	10	Vamos entender os insetos?	II	37
	10	Vamos entender as aves?	II	38
	10	Vamos entender mamíferos?	II	39
	12	A história, os negros, a roça e a importância da chuva	I e II	41
	13	Por que somos diferentes?	II	46
	18	Prevenindo doenças	I e II	64
	20	Território humano	I e II	73
Emprego e Trabalho	22	A nossa visão	I	83
	22	Máquina fotográfica	II	84
	23	Comida e cultura	II	89
	23	Óleo e água	II	90
	1	Fabricação de cimento	II	9
	4	Sol e radiação eletromagnética	II	23
	6	Dor	I e II	30
	14	Fabricação de Papel	I e II	51
	20	De que são feitas as rochas?	I e II	63
	21	Horas, relógio e movimento de rotação terrestre	I e II	68
Saúde e Trabalho	21	Chuva	II	69
	2	Animais peçonhentos	I e II	13
	2	Defensivos agrícolas	I e II	14

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
	3	Cuidados na utilização de produtos químicos	II	17	
	5	Sistema nervoso central	II	22	
	5	Grupos sanguíneos	II	23	
	5	Composição do sangue	II	24	
	12	AIDS - o melhor remédio é a prevenção	I	42	
	14	Poluição sonora	I	49	
	19	Dermatites	I	61	
	22	Fossas e contaminação do solo e da água	I e II	69	
	25	A digestão humana	I e II	81	
Cultura e Trabalho	1	A grande floresta	I e II	8	
	1	Vendo de longe ou de perto	I e II	9	
	2	Os vermes	I e II	12	
	4	Do que é feita a lágrima	I e II	20	
	5	Pirâmides	I e II	25	
	5	O vinagre	I e II	26	
	6	O que é serigrafia?	I e II	29	
	7	Reflexões múltiplas em espelhos planos	II	36	
	8	Quando alguém diz que "veio dar uma força" devemos ficar felizes?	I e II	38	
	13	Rodeios e controvérsias	I e II	52	
	14	Óleos e azeites	I e II	56	
	17	O açude	I e II	70	
	19	Por que os balões sobem?	I e II	76	
	24	A ilusão visual de imagens em movimento	I e II	92	
Tempo Livre e Trabalho	3	Poluição das águas	I e II	13	
	3	Ações da água	I e II	14	
	3	Ciclo das águas	I	15	
	7	Peixes	II	27	
	7	Peixes e suas partes	I e II	28	
	8	Fogos de artifício	I e II	32	
	10	Meios de transporte	I	37	
	Meio Ambiente e Trabalho	1	Que tal produzir menos lixo?	I	8
		3	Gelo e nível da água	I e II	16
		3	O efeito estufa é ruim?	II	17
3		O sertão vai virar mar?	I e II	19	
4		Florestas sequestram carbono	I e II	27	



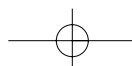
Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
		13	Será o homem o único animal que modifica a natureza?	II	56			17	O que é cadeia alimentar	I e II	69
		14	Estudando propriedade de gases	I e II	61			23	Leis da física e leis da constituição são as mesmas coisas?	I e II	81
ECONOMIA SOLIDÁRIA	Globalização e Trabalho	17	A diversidade na forma de organizar a produção	I	62	Mulher e Trabalho	14	Autogestão: trabalhadores administrando seu negócio	I e II	69	
		19	A união faz a força	II	65		15	A Representatividade da economia solidária no Brasil	I e II	75	
		20	Tamanho e composição da econ. solidária no Brasil	I e II	66		1	Indicadores da mulher no mercado de trabalho	II	90	
		21	A ordem é consumir?	II	70		1	Mulher no trabalho e na família?	I	10	
		29	Alternativas para a migração	II	90		6	Nossa Identidade	I e II	31	
	Juventude e Trabalho	21	Conversando com a galera	I e II	89	12	O tempo do trabalho	I	50		
		23	A juventude em cena	I e II	90	15	Mulheres na política e na economia solidária	I e II	60		
		25	Exposição de fotografias	I e II	91	20	Tratar iguais como diferentes?	II	72		
	Economia Solidária e Trabalho	2	A Força e realização das mulheres no trabalho coletivo	I e II	13	Trabalho no Campo	16	Economia solidária e o trabalho do Seringueiro	I e II	71	
		3	União e solidariedade como princípios da economia solidária	I e II	21		19	Economia solidária e agroecologia	I e II	85	
		4	O trabalho coletivo autogestionário	I e II	25		20	Economia solidária e o trabalho de artesanato	I e II	88	
		4	Cooperativa: coletivo que otimiza as qualidades	II	26		21	Condições precárias de existencia, o quê fazer?	I e II	90	
		6	Solidariedade, união e organização nos empreendimentos econômicos solidários.	I e II	34		22	A uniao faz a força	I e II	93	
		7	Empreendimentos econômicos solidários: desafios e possibilidades	I e II	40	Tecnologia e Trabalho	17	Economia solidária e tecnologias sociais	II	72	
		8	União e luta por um mundo melhor	II	45		19	Cultura solidária	I e II	74	
		9	O estatuto social em um empreendimento econômico solidário	I e II	51		Diversidades e Trabalho	2	Trabalho escravo, assalariado e cooperativo	I e II	9
		10	Associação e cooperativa: diferenças e semelhanças	I e II	54	12		Identidade, cultura e produção	I e II	42	
		12	Cooperar e não dominar	I e II	59	14		A diversidade no coletivo	I e II	50	
		13	Cooperativa: o que é isso?	I e II	64	16		A solidariedade como forma de vida	I e II	58	
13		O que é cooperativismo: seus princípios e modalidades de cooperativas	II	65	Emprego e Trabalho	1	Transformação do operário pelo resultado do seu trabalho	II	10		



Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
ECONOMIA SOLIDÁRIA		10	Competição e cooperação no trabalho	I	39						
		10	Varal de experiências Cooperativas	I e II	40		Cultura e Trabalho	6	Economia solidária e cultura	I e II	30
		12	O trabalho com resíduos sólidos	I e II	43			19	Cultura, turismo, economia e festas juninas	I e II	77
		12	Trabalho individual e trabalho coletivo: Economia solidária	I e II	44		Tempo livre e Trabalho	18	Trabalho, saúde e economia solidária	I e II	63
		26	Desemprego e cooperativismo	I e II	83		Meio Ambiente e Trabalho	18	Economia solidária e Meio ambiente	I e II	73
		26	Trabalhando de forma coletiva e solidária	I e II	74			21	Trabalho Individual, trabalho coletivo e autogestão	I e II	77
								24	Conhecendo um empreendimento econômico solidário	I e II	85
	Saúde e Trabalho	26	Economia solidária: Qualidade nas relações de trabalho	I	86			24	Produzir preservando o meio ambiente	I e II	90
		27	Os males da sociedade contemporânea: a vida comunitária dos índios e a economia solidária	I	87						
		28	A importância da solidariedade e do apoio coletivo	I e II	88						
EDUCAÇÃO FÍSICA	Globalização e Trabalho	24	A atividade física e a publicidade	I e II	85		Tecnologia e Trabalho	10	Diálogo e sincronia I	I	43
		26	Você já respirou hoje?	I e II	86			10	Diálogo e sincronia II	I e II	44
								10	Diálogo e sincronia III	I	45
	Juventude e Trabalho	7	Você se lembra do seu primeiro emprego?	I e II	39		Diversidades e Trabalho	8	Mexa o seu corpo. Experimente a dança	I e II	30
		9	O trabalho em grupos	I e II	48			16	Nas cidades as pessoas não se respeitam	I e II	59
	Economia Solidária e Trabalho	12	Trabalho cooperativo	I e II	60		Emprego e Trabalho	6	Emprego	I e II	31
		15	Melhoria na qualidade de vida	I e II	76			21	A metamorfose	I e II	70
	Mulher e Trabalho	1	Jogos folclóricos	I e II	8		Saúde e Trabalho	1	Estresse e acidentes de trabalho	I e II	8
		7	O papel da mulher hoje em nossa sociedade	I e II	32			1	Relaxamento e prevenção de acidentes	I e II	9
		12	Você já fez alguma atividade de alongamento hoje?	I e II	48			2	Solidariedade e deficiência física	I e II	15
	Trabalho no Campo	19	Educação Física no campo	I e II	86			4	Solidariedade e deficiência visual	I e II	19
		21	Você já se percebeu respirando?	I e II	91			7	Drogas - é preciso evitar	I e II	29
								25	A expressão corporal	I e II	82



Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
Cultura e Trabalho	1		A intenção e os movimentos	I	10				com o seu lazer?	I e II	49	
	7		Consciência corporal	I e II	37		15		Relaxamento em Grupo por Brincadeiras	I e II	52	
	24		Você sabe respirar?	I e II	93		18		Horas extras X qualidade de vida	I e II	64	
							30		Portadores de deficiência	I e II	88	
Tempo Livre e Trabalho	5		Vamos dançar?	I e II	21	Meio Ambiente e Trabalho	5		O sentidos e a consciência	I	30	
	10		Como você usa o seu tempo livre?	I e II	38		10		Selo verde de saúde	I e II	44	
	12		O que você tem feito									
EDUCAÇÃO E TRABALHO	Globalização e Trabalho	1	Tempo de trabalho e tempo livre	I	9	Economia Solidária e Trabalho	2		"É preciso ter sonho sempre" ou a história de tantas Marias	I	14	
		3	Localizando-nos na globalização	I e II	17		8		"De mãos dadas"	II	46	
		3	Um outro mundo é possível!	I e II	18		10		Associação X Cooperativa	I	55	
		4	Para que servem os sindicatos?	II	22		12		Cooperação solidária	II	61	
		5	A língua é viva!	I e II	29		13		Tecendo o amanhã	II	66	
		10	Globalização yanqui	I e II	42		14		Autogestão do trabalho e da vida em sociedade	I	70	
		10	O que é globalização e como eu sou afetado por ela	II	43		18		Saberes técnicos, saberes da prática e participação na organização do trabalho	II	84	
		22	Não ao trabalho escravo!	I e II	72		21		O trabalho em cooperação: necessidade humana em qualquer tempo histórico	I e II	92	
		22	Globalização de escravos	I	73							
		23	Alguem vlu mãos (in)visíveis por aí?	II	78		Mulher e Trabalho	3		"Melhor idade" para fazer o que?	II	18
		24	De trabalhadores a "chicanos" e "coiotes"	I e II	81			10		A guerra dos Sexos é do século passado	I e II	43
		26	Globalização aprofunda abismo entre ricos e pobres ou "a nova ordem mundial"	I e II	87			11		A Turma do Apito	II	45
								12		Dupla Jornada	I e II	49
	Juventude e Trabalho	1	Desemprego Juvenil	I	8	13		Outro Mundo é possível?	II	57		
		3	Tribo urbanas	II	14	21		Mulher-objeto?	I	78		
		3	No fio da navalha	II	19	22		Histórias de exploração e discriminação	II	80		
		5	Tempos de adolescência e juventude	II	25	24		O trabalho invisível das mulheres	II	86		
		7	Meu primeiro emprego	I	40							
		7	Educação: a galinha dos ovos de ouro?	I	41	Trabalho no Campo	6		Sabores e cheiros do associativismo	I	34	
		11	Como ter um aprendiz	I e II	58		7		Carta às crianças do MST	I	38	
16	Procura-se emprego	II	76	7			"Sem terras"	I	39			
17	Juventude e desenvolvimento: projeto (des)humano?	II	82	10			O paradoxo no mundo do trabalho	I	50			
					11		Processo de trabalho e processo educativo	I e II	54			

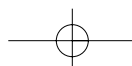


Ciências Economia Sol

EDUCAÇÃO E TRABALHO

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
	12	Violação dos direitos humanos	II	59
	13	"Vida! Vida! Por que tens que ser tão dividida?"	I	63
	14	Os povos indígenas e a expropriação de suas terras	I e II	67
	17	Falando sério: Reforma agrária	II	77
	18	As lutas camponesas como objeto de pesquisa	II	81
Tecnologia e Trabalho	2	"Máquinas inteligentes", (des)emprego e (des)qualificação de trabalhadores	I e II	15
	3	Inventores brasileiros	II	20
	6	Ex(In)clusão digital	I	28
	7	Apropriação da tecnologia pela sociedade	II	35
	11	(re)inventar a felicidade ... (re)criar a vida	I	51
	13	A nova face do desemprego tecnológico	II	58
	15	Por que os trabalhadores rurais não têm acesso à tecnologia?	I	63
Diversidades e Trabalho	3	Trabalho: necessidade ou liberdade?	I e II	15
	5	Origens da classe operária brasileira	I e II	19
	9	Cultura(s) e cultura do trabalho	I e II	33
	13	Diversidade e "responsabilidade social corporativa"	I	47
	14	Que país é esse? ou sonho (im)possível	II	51
	15	"Diversidade no ambiente de trabalho dá lucro"	I	54
	16	A cidade do capital e outras cidades que "dão dó"	II	60
	18	O idoso como sujeito de direitos: o que sabemos sobre isso?	I e II	65
	21	Índios no Brasil: conhecer para superar preconceitos	I e II	77
	22	Olhos da alma	II	85
	23	Divisão social e técnica do trabalho	II	91

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
Emprego e Trabalho	1	Operário construído e operário em construção	I e II	11
	2	"CamInhando e cantando": o que o movimento sindical ensina aos trabalhadores?"	II	12
	7	Pela redução da jornada de trabalho já!	II	32
	13	A cigarra e a formiga	I	48
	16	Um retrocesso na história: que direitos precisamos assegurar?	I	53
	24	Trabalho informal	II	75
Segurança e Saúde no Trabalho	3	Prevenir ainda é o melhor remédio	II	18
	6	A CIPA como conquista	I e II	26
	7	A Ação dos trabalhadores contra a exploração do trabalho e defesa da saúde	I	30
	8	Local de risco	I e II	33
	11	Esforço repetitivo - Excesso de trabalho	I	40
	13	Assédio moral	I	45
	18	"Ócio criativo" para quê?	I	59
	21	Trabalho decente	I	65
Cultura e Trabalho	3	Casa de farinha	II	18
	4	Festa Junina	I e II	21
	5	Culinária	I	27
	10	Oktoberfest - herança alegre da cultura alemã	II	43
	11	Cultura popular ou erudita: ambas como expressão do trabalho humano	I e II	48
	12	Nós podemos mudar!	II	51
	14	A fome é natureza. Comida é cultura e trabalho	I e II	57
	15	Trabalho e produção cultural	I e II	65
	18	Cultura popular e de massas	II	74
	18	Cultura do povo ou cultura para o povo?	II	75
Tempo Livre	2	Para que serve a escola?	I	9
	3	Tempo, tempo, tempo... Rel	II	16
	5	Cultura popular	I e II	22
	7	História Contemporânea	II	29



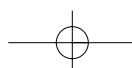
Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
	Globalização e Trabalho	10	Parque de diversões	I e II	39			16	"Cego é quem vê só onde a vista alcança"	I	64	
		13	Prazer e tortura: duas caras de uma mesma moeda?	I	50			17	A pescaria	I	66	
		15	Samba, cerveja.....e muito trabalho!!!	I	53			20	Trabalho no capitalismo e meio ambiente	I e II	75	
		16	Os trabalhadores do turismo	I	57			23	Desenvolvimento sustentável	II	83	
		20	Malandros-trabalhadores e outros malandros	I	69			24	Casa ecológica	I	87	
	Meio Ambiente e Trabalho	5	Agressão e consciência	I e II	31							
		7	Uma lição da nação lanomâmi	2	36							
	ESPANHOL	Globalização e Trabalho	7	La Fuerza de la Lengua española	II		32	Trabalho no Campo	1	"La vida y el trabajo en las ciudades, un reto para el siglo XXI"	II	11
			7	La lengua española en el mundo	II		33		4	"La precariedad de las condiciones de los trabajadores en la caña de azúcar"	II	27
11			Prioridades em los gastos mundiales	II	50	8	"La agricultura familiar reconocida"		II	44		
24			La mano de obra de inmigrantes sin papeles en Brasil	II	82	11	"El desempleo alcanza el 70% en el area rural de Pernambuco"		II	55		
Juventude e Trabalho		4	"Se busca empleo"	II	24	Tecnologia e Trabalho	6	"El acceso a las nuevas tecnologías de la información y la comunicación es derecho de todos!"	II	29		
		7	"La cualificación profesional es imprescindible"	II	42		21	"Conociendo la telefonía móvil"	II	79		
		9	"Las transformaciones en el mundo del trabajo"	II	49		21	¿Es posible vivir sin el teléfono móvil?	II	80		
		14	"Los jóvenes brasileños y el consumo sostenible"	II	64		21	¿ Se puede vivir sin el teléfono móvil en el siglo XXI?	II	81		
Economia Solidária e Trabalho		6	"La solidaridad que transforma familias y comunidades"	II	35	Diversidades e Trabalho	5	"Los trabajadores inmigrantes en Brasil"	I e II	20		
		14	"La autogestión en las nuevas formas de trabajo colectivo"	II	71		9	"El arte y sus miradas sociales"	II	34		
		15	"El comercio justo y la economía solidaria"	II	77		15	"Las empresas y la publicidad estimulan el respeto a la diversidad en el mundo laboral"	II	55		
		20	"Construyendo una otra economía, justa y digna"	II	89							
Mulher e Trabalho		18	Salarios iguales a hombres y mujeres	II	65							
		24	La rutina del hogar	II	87							
		24	El trabajo del hogar igual en todos los tiempos	II	88							



Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
ESPAÑHOL	Emprego e Trabalho	17	"Cocinando con los argentinos"	II	62		Tempo Livre e Trabalho	22	"El oficio de zapatero"	II	88	
									23	"El carnaval brasileño ofrece buenas oportunidades de trabajo"	II	89
		3	"Conociendo los derechos laborales"	II	17							
		3	"El cántico de la rutina puede cambiar"	II	18				6	"El trabajo no debe alejarnos de la convivencia familiar"	II	26
		9	"Las nuevas formas del desempleo"	II	37				15	"Los carnavales en Brasil"	II	54
	9	"Nuevos tiempos, nuevos retos en el mundo del trabajo"	II	38			17	"¿La siesta está de moda en el mundo?"	II	61		
	Saúde e Trabalho	14	"Los decibelios aumentan, ¡No te olvides de tus oídos!"	II	50		Meio Ambiente e Trabalho	4	La Riqueza de la biodiversidad y el futuro de las medicinas silvestres	II	25	
		17	"Cómo prevenir los accidentes de trabajo"	II	57			11	El futuro del agua depende de todos	II	47	
		17	"La seguridad en el trabajo es responsabilidad compartida"	II	58			20	Imágenes, história e esclavitud	II	76	
		20	"Gimnasia Laboral - ¡Muévase!"	II	64			22	La cultura y la preservacion del medio ambiente	II	78	
	Cultura e Trabalho	6	Los jóvenes y las posibilidades de acceso al trabajo	II	31		22	El medio ambiente em la constituição brasileña	II	79		
		20	"En Brasil, el fútbol genera muchos puestos de trabajo"	II	79							
	GEOGRAFIA	Globalização e Trabalho	1	Antes longe era distante	I e II		10	Juventude e Trabalho	30	Refugiados no planeta terra: Direitos humanos e cidadania	I e II	91
3			Perversidades e possibilidades no mundo globalizado	II	19	5	O que os jovens e adolescentes pensam?		I e II	26		
3			Conhecendo Milton Santos e sua importância	I e II	20	6	Arte por todos os lados		I e II	33		
4			Sindicalização em baixa, Salários também!	I e II	23	10	A geografia do hip-hop		I	54		
10			Ricos e pobres estão na moda da globalização?	I e II	44	10	Hip-Hop em todo o Brasil		I e II	56		
10			Globalização diminui distâncias e lança o mundo na era da incerteza sócio-econômico-cultural	II	45	13	Trem da vida		I	62		
16			Deslocamentos populacionais	I e II	57	14	"O consumo nosso de cada dia"		II	65		
16			Imigração e pichação, o que há de ilegal nisso?	II	58	15	O brejo da cruz		I	71		
							17		Juventude desperdiçada	I e II	83	
							17		População jovem e mercado de trabalho no mundo globalizado	I e II	84	



Ciências Economia Sol

GEOGRAFIA

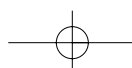
Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
Economia Solidária e Trabalho	2	A cidade e seu tamanho	I e II	15	
	6	Juntos ou separados?	I	36	
	7	O ciclo da produção	II	41	
	18	Mel no semi-árido	I e II	81	
	18	Doce futuro: "vai ser bom para todo mundo"	I e II	82	
	21	A agricultura e a sociedade sedentária	I e II	93	
Mulher e Trabalho	3	O preconceito de idade e outras formas de Preconceito	I e II	19	
	5	Raízes crioulas	I	26	
	11	A hierarquia e o poder no emprego	I	46	
	12	O que é dupla jornada de trabalho	I	51	
	19	O desemprego nosso de cada dia	II	70	
	20	Quem ganha menos?	I e II	74	
	22	As origens do trabalho feminino no Brasil	I	81	
	25	O sentido da resistência	II	89	
	26	Mapeando as diferenças	II	91	
	Trabalho no Campo	1	O que é uma cidade? Viver e trabalhar no meio rural e urbano	I e II	12
		2	Precarização do trabalho no campo	I e II	18
6		"Do caju brasileiro se aproveita até o cheiro"	I e II	35	
9		Biodiesel: impactos sociais e ambientais	II	47	
11		Desemprego na entressafra	I e II	56	
13		O valor vital da terra	I	64	
14		O mapa do Brasil	I e II	68	
18		A organização camponesa e a luta dos trabalhadores rurais	I e II	82	
Tecnologia e Trabalho	2	A revolução na indústria e na sociedade	I e II	16	
	3	Voar é preciso	II	21	
	6	Emprego Digital	I e II	30	
	10	Revolução industrial: condições de vida e			

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
		resistência dos trabalhadores	II	46
	12	O tempo da velocidade	I e II	54
	13	Ganhando menos	II	59
	15	A mão e a ferramenta	I e II	64
	16	Matar a fome	I e II	70
	22	A luz no mundo	I e II	86
Diversidades e Trabalho	2	Trabalho (re)forçado	I e II	10
	5	Os motivos da viagem	I e II	21
	9	Tem gente de toda cor	I e II	35
	14	A riqueza que todos criamos	I e II	52
	18	O envelhecimento da população brasileira	I	66
	19	Povo que vem, história que se faz	I e II	70
	20	Terra de todos	II	74
	21	para superar preconceitos	I e II	78
	22	A percepção do espaço	I e II	86
	23	Trabalho e alimentação	I e II	92
Emprego e Trabalho	2	O operário que era Santo	I	13
	3	Viver para trabalhar ou trabalhar para viver?	II	19
	5	Dia do trabalho ou do trabalhador?	I e II	27
	8	A dor do desemprego	II	36
	13	Cigarras, formigas, trabalho, natureza e arte!	II	49
	23	O operário e os lugares	II	73
	24	(Novas) tecnologias de sobrevivência	I	76
	24	Trabalho informal	I e II	77
	27	O trabalho vai mal?... Qual trabalho?	II	85
	Saúde e Trabalho	10	Repetição dos gestos e dos erros	I e II
12		Prevenção em tempo integral	I	43
13		Trabalho sob pressão	I e II	46
16		Ganancia mutila	I e II	54
19		Cuidados com o corpo no local de trabalho	I e II	62
21		Trabalho escravo X trabalho decente - utopia ou possibilidade?	I e II	66



Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
GEOGRAFIA	Cultura e Trabalho	22	Local salubre, trabalhador saudável	I e II	70	Meio Ambiente e Trabalho	18	Trabalho a mais, lazer a menos	I e II	66	
		23	Trabalho sem parar	II	73		23	Lugar e movimento	I e II	75	
		2	Cultura, culturas	II	13		24	O homem e seu tempo	II	78	
		10	Pontos cardeais e colonização alemã	I e II	44		24	Histórias de diferentes formas de medir o tempo	I e II	79	
		14	As Regiões do Brasil	I e II	58		2	Monocultura ou diversidade na produção agrícola	I e II	14	
		14	Identidade alimentar	I e II	59		3	Qual é a altura do mar?	I	18	
		15	A riqueza produzida por todos	I e II	66		3	Tuvalu e o aquecimento global	I	20	
		17	Cabra marcado para viver	I e II	71		5	Sociedade e paisagem	II	32	
		20	Futebol: matéria prima de exportação	I e II	80		10	Os perigos ao ecossistema do Pantanal	I e II	43	
		23	Carnaval: samba, alegria e trabalho	I e II	90		11	A escassez de água	I e II	48	
	Tempo Livre e Trabalho	5	O exodo rural	II	23	11	O ritmo do crescimento populacional	I e II	49		
		10	O lazer de cada um	I e II	40	12	O lixo nosso de cada dia	I e II	53		
		11	O tempo que sobra e a falta de liberdade	II	44	13	Energia eólica nos EUA	II	57		
		15	Carnaval: tempo de liberdade	II	55						
	HISTÓRIA	Globalização e Trabalho	1	Os tempos e o mundo	I	11	Economia Solidária e Trabalho	6	Grafite: manifestação de diferentes épocas	I e II	35
			2	Conquistas, territórios e gentes: confrontos e encontros.	I e II	15		9	Desempregado sim, desocupado, não!	II	50
			10	Diferentes faces da globalização: olhares e incertezas	II	46		14	O jovem também move o mundo	I e II	66
			14	A notícia da nacionalização do gás na Bolívia	I e II	53		15	Os jovens e as políticas sociais	I e II	72
18			Racismo nos EUA e no Brasil	II	64	16		Os jovens e o trabalho: histórias de vida	I e II	77	
22			Escravas de globalização: a prostituição de mulheres brasileiras em outros países	I e II	74	2		A farinha, o polvilho, o trabalho e as mulheres	I e II	16	
30			Refugiados da seca	I e II	92	2		A construção da História	II	17	
Juventude					4	Trabalhar em grupo: lidar com as diferenças		I e II	27		
1			Experiência e qualificação... o que significa isto?	I e II	9	8		O tempo do poeta	II	47	
3			A educação e os desafios da juventude	I e II	15	12		O que é cooperação	I e II	63	
5		A descoberta do jovem	I e II	27	15	Economia Solidária no Brasil	II	72			
6		O grafite	II	34	15	Relações de trabalho	I e II	74			



Ciências Economia Sol

HISTÓRIA

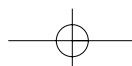
Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
Mulher e Trabalho	1	Conceitos de trabalho	II	11	
	3	Melhor idade para as muleres: vida e trabalho aos sessenta	I e II	20	
	5	Ser mulher, negra e trabalhadora	I e II	27	
	7	Depois do trabalho	I e II	33	
	9	As mulheres e a história do Brasil	I e II	39	
	12	A libertação feminina e a diversidade de classes sociais	II	52	
	13	Mulheres pobres e Operárias nas fábricas	II	58	
	18	Mudanças e permanências: diferenças entre homens e mulheres no trabalho	I e II	66	
	20	Viva a diferença, abaixo a desigualdade!	II	73	
	22	Atividades de trabalho de mulheres escravas no Brasil colonial	II	82	
	25	Dia Internacional da Mulher: há motivo para comemorar?	II	90	
	Trabalho no Campo	1	Onde você quer viver?	I e II	13
		5	A terra e sua relação com o modo de vida Xavante	I e II	28
5		Qual é a minha relação com a terra?	I e II	29	
5		Terra, trabalho e vida	I e II	30	
6		Caju e o trabalhador rural brasileiro	I e II	36	
7		A infância e a luta pela terra: múltiplos olhares	I e II	40	
12		Conflito e violência no campo	II	60	
13		Terra chão, terra pão, terra vida!	I e II	65	
16		O que a borracha pode apagar?	I e II	73	
18		Reforma agrária e direitos dos trabalhadores rurais: histórias e lutas	I e II	83	
20	Novas tecnologias e emprego no meio rural	II	89		

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
Tecnologia e Trabalho	1	Tecnologia, tecnologias	II	11	
	2	As tecnologias e as mudanças no mundo do trabalho	II	17	
	5	Tecnologia e emprego: vilã ou aliada?	II	26	
	7	Queremos saber, quando vamos ter?	I e II	36	
	7	O que pode acontecer	II	37	
		Um museu de objetos domésticos	I e II	39	
	9	O relógio de ponto	I e II	41	
	11	Brasil: 500 anos de muita criatividade	II	52	
	12	Meios de transporte no passado e no presente: mudanças e permanências	I e II	55	
	Diversidades e Trabalho	2	O trabalho da memória	II	11
		5	Os significados da terra para os indígenas	I e II	22
		12	Quilombos, quilombolas, afro-brasileiros!	I e II	43
16		Olhares diferentes para as cidades	I e II	61	
18		Idade: mais de 60 anos, melhor idade?	II	67	
19		Mérica, Mérica, América!	I e II	71	
21		Especificidades culturais	I e II	79	
23		Hum, que delícia! No prato de cada dia, um pouco de nossa história!	I e II	93	
Emprego e Trabalho		3	Não somos máquinas, somos gente!!!	II	20
	5	1º de Maio - Dia do Trabalhador	I e II	28	
	7	Redução da Jornada de trabalho	II	33	
	16	Direitos dos trabalhadores - O que diz a Constituição?	II	54	
	27	A economia do mundo cresce, mas o emprego não!	I e II	86	
	Saúde e Trabalho	6	CIPA – o que é ? O que representa para os trabalhadores?	I e II	27
		23	Barulho faz mal à saúde	I e II	74



Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
HISTÓRIA	Cultura e Trabalho	25	A voz do corpo	I e II	83	Meio Ambiente e Trabalho	17	Hasta la vista, siesta!	II	62	
		2	Cultura e natureza	I e II	14		20	Quem é o malandro?	II	70	
		6	A participação dos jovens em grupos e movimentos culturais	I e II	32		28	Tempo livre - ócio criativo?	II	83	
		9	Em nome de quem?	II	41		1	O homem, a natureza e a história	I e II	9	
		15	Quem são os sujeitos da História	I	67		5	Desenvolvimento sustentável: para quem e para onde?	I e II	28	
		19	Festas juninas: uma fogueira de alegrias	I e II	78		7	Trabalho, minério e mito	II	37	
		20	Futebol: uma paixão nacional	I e II	81		8	Fim do mundo, para quem?	I e II	38	
		21	Pluralidade cultural no Brasil: imagens de maracatus	I e II	86		8	Protocolo de Kyoto	II	40	
	Tempo Livre e Trabalho	1	O que é mito?	I e II	8	13	Fontes de energia e mudanças no emprego da força de trabalho	I e II	58		
		2	Ócio e negócio	II	10	22	Conhecendo nossos direitos: análise de documento	I e II	80		
		5	Trabalho e festa	I e II	24	23	Meio ambiente e luta política	II	84		
		11	Histórias do lazer	II	45						
		16	Oito horas de trabalho, oito horas de repouso e oito horas de prazer...	I e II	58						
	INGLÊS	Globalização e Trabalho	2	Materiais	II	16	Trabalho no Campo	1	City Facilities and directions	II	14
			4	Matching	II	24		15	Texto em inglês - "Segredos"	II	70
4			Graph	II	25	17		Tic tac toe	II	75	
5			Dictionary	II	30	17		Pesquisa	II	76	
15			Comprehension	II	56	Tecnologia e Trabalho	6	Dictionary	II	31	
24			Dictation	II	83		14	Innovations	II	62	
28			Invasão silenciosa	II	89		20	Count X Uncount	II	76	
							20	Few/Little Many/Much	II	77	
Juventude e Trabalho		8	So do I	II	45	Diversidades e Trabalho	5	There is/ There are	I e II	23	
		10	I prefer...	II	55		11	Should/Shouldn't	II	40	
		14	I am	II	67		13	People description	II	48	
		16	Possessive 'S	II	78	Emprego e Trabalho	2	Birthday Schedule	II	14	
Economia Solidária e Trabalho		1	Animal mimics	II	10		3	Version	II	21	
		3	Segredo	II	22		4	Minha Infância	II	24	
		5	Antônimos	II	32		17	Dictation	II	61	
		22	It means	II	95		22	Comparing	II	72	
Mulher e Trabalho		14	Quem é você?	II	59		27	Half/ Double/Triple	II	87	
		16	Dicionário de figuras	II	61						
		23	Biografias	II	83						
		23	Simple Past	II	84						



Ciências Economia Sol

	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.		Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
INGLÊS	Saúde e Trabalho	7	Verbo para os sentidos	II	31	MATEMÁTICA	Economia Solidária e Trabalho	1	Trabalho e meio ambiente	II	10
		13	Definitions	II	47			3	Jogo da Velha (clima)	II	21
		15	Must / Mustn't / Don't have to	II	53			4	Picture Dictionary/Mimics	II	26
		23	Prefixes	II	75			9	Definitions	II	41
		8	Companies	II	39			13	Yes, I can	II	54
	Cultura e Trabalho	14	Typical Food	II	60			24	Composition	II	91
		16	Chat	II	68						
		21	American Holidays	II	87						
		2	Make or Do?	II	11						
	Tempo Livre e Trabalho	7	Currency Exchange Bureau	II	30			9	A ocupação profissional dos jovens	I e II	51
		9	Em português	II	36			11	Vantagens econômicas	I e II	59
		28	If I have more free time	II	84			14	Sou parte do todo	I e II	68
		1	Relatividade do tempo	I e II	12			16	Pobre, sem estudo, sem trabalho: perfil de um jovem brasileiro	II	79
	4	Leitura e escrita de tabelas e de gráficos: um modo de inclusão	II	26	17			Organizando dados relativos ao desemprego entre jovens	I e II	85	
	4	Lendo um gráfico de linhas	II	27	2			Lucro ou prejuízo	I e II	18	
	8	Que país é este?	II	34	2			Lucro de Maria	I e II	19	
8	Brasil e China: quanta igualdade	I e II	35	2	Qual o valor do trabalho?	I e II	20				
8	Semelhanças e diferenças entre chineses e brasileiros	II	36	7	Medos enfrentados, desafios superados	II	42				
11	Educação prioridade de um povo	I	51	9	Criando uma cooperativa 1	II	50				
14	Qual o valor do gás?	I e II	54	9	Quanto vale sua parte?	I	52				
14	Por que vem de tão longe?	I e II	55	10	Empreendimentos solidários: alternativas para a exclusão do trabalhador	II	56				
21	Consumismo e matemática	I e II	71	13	Criando uma cooperativa 2	II	67				
27	Estatística enganosa	I e II	88	15	Desemprego e empreendimentos econômicos solidários	II	78				
30	Somos flagelados econômicos?	I	93	16	Compreendendo as frações	I e II	80				
1	Jovens procuram emprego	I e II	10	18	Adoçando o sertão	II	85				
3	Espaço para conforto	I e II	20	18	medindo mel	I e II	86				
3	Recuperação de jovens infratores	I	21	19	Controlando resultados	I e II	87				
5	Adolescentes ou jovens?	II	28								
5	Quantos acham que é bom ser jovem?	II	29								
6	Quanto custa grafitar?	I e II	36								
7	Procuro emprego, quero ganhar....	I e II	43								
9	Colocando em gráfico o sentido de trabalho	I e II	46								

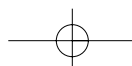


Ciências Economia Sol

MATEMÁTICA

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
Mulher e Trabalho	1	A desvantagem das mulheres em porcentagem	I	12	
	1	Descriminação de gênero e raça no contexto social brasileiro	II	13	
	4	Comparando conquistas	I	23	
	4	Direitos da mulher grávida	I e II	24	
	5	Organizar dados	I	28	
	7	A jornada das mulheres	I e II	34	
	11	Assédio moral e sexual: O autoritarismo e a violência velada	I e II	47	
	12	Homens e Mulheres compartilhando tarefas	II	53	
	12	Quantas jornadas tem as mulheres da EJA?	II	54	
	18	Comparando salários médios	I	67	
	19	Quanto se ganha, quanto se gasta	II	68	
	19	Geometria tem a ver com emprego?	I e II	71	
	20	Rendimento salarial: uma questão a ser conquistada pela competência	I	75	
	20	Comparando salários	I	76	
	Trabalho no Campo	1	É ou não é uma cidade?	I	15
		2	O setor agrícola em gráfico	II	19
		4	Mais trabalho, menos salário	I e II	24
4		Visualizando o salário	II	25	
4		O trabalho extenuante do cortador de cana	I e II	26	
8		Módulo fiscal. O que é?	I e II	42	
8		Quantas vezes maior	I e II	43	
9		Mais trabalho, menos poluição	II	48	
9		A Importância do biodiesel	II	49	
10		Salário inversamente proporcional à produção? Que absurdo é esse?	II	51	
11		Desemprego e exploração humana: uma relação degradante	II	57	
12		Os números dos crimes do latifúndio	I	61	
17		É terra grande demais	I e II	78	

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
tecnologia e Trabalho	18	Desenhando mapa, estimando área	II	84	
	1	Tecnologias simples e Complexas criadas pelo ser humano	I e II	12	
	1	Construindo Tecnologia	II	13	
	3	A conquista do espaço, seus reflexos na saúde, lazer e modernidade	II	22	
	4	Desemprego tecnológico versus maior escolarização e acesso à tecnologia	I e II	24	
	6	Exclusão digital em números	I	32	
	6	Comparando dados de inclusão/exclusão digital	II	33	
	10	marcando tempo	I e II	47	
	12	O benefício do transporte coletivo	I	56	
	13	O desemprego e a busca de prestação de serviços	I e II	60	
	13	Calculando diferenças	I e II	61	
	15	Compreendendo a diferença	I	65	
	21	O Multiuso do celular	I	82	
	22	Aumento de consumo de energia elétrica	I e II	87	
	22	Energia elétrica e desigualdade	II	88	
	Diversidades e Trabalho	1	A influência africana na cultura brasileira	II	8
		5	Organizando dados da imigração	I	24
5		Comparando números da entrada de imigrantes no Brasil	I	25	
5		Brasil, nação acolhedora	I	26	
8		Colcha de retalhos	I e II	31	
9		Operários: lutas e conquistas	I e II	36	
18		Oportunidades e disparidades entre os idosos brasileiros	I e II	68	
20		Dar nem sempre exige conta de menos	I e II	75	
21		A relevância da Amazônia			



Ciências Economia Sol

MATEMÁTICA

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
		e a riqueza de um povo	I e II	80
23	Feijoada para seis		I e II	94
23	Manjares da brasilidade		I e II	95
Emprego e Trabalho				
3	Prazer no trabalho: direito natural de todo trabalhador		I	22
4	O cotidiano do trabalhador		I e II	25
7	Trabalhar menos é bom		I	34
12	Uma vida digna para César e Clóvis		II	45
12	O respeito pelo trabalho dos homens e dos animais		I e II	46
16	Direitos e deveres do trabalhador doméstico		II	55
16	Salário legal		I e II	56
17	Em que parte estou?		I	57
17	Crescimento do trabalho informal		I e II	58
17	Construindo gráficos da informalidade		II	59
20	Lugar de criança é na escola		I e II	64
20	Trabalho infantil: todos somos responsáveis		I	65
25	Salutar para quem?		I	79
25	Taxa de desemprego		II	80
27	A economia vai bem?		I	88
27	Como viver com dois dólares/dia		I	89
27	Distribuir para ganhar		II	90
Saúde e Trabalho				
1	Mapa de risco		II	10
2	Um trabalhador protegido		I e II	16
11	O trabalhador e as doenças funcionais		I e II	41
12	Dois milhões é muita gente		I	44
13	Denúncia de agressões morais		I	48
14	Efeitos nocivos do ruído no trabalho		I	51
16	A relação de responsabilidade entre CIPA, empregado, empregador		I	55
21	Indignação contra o trabalho escravo		II	67
22	Uma moradia conforme			

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
		a norma	I e II	71
23	Diferentes jornadas de trabalho		I e II	76
23	Um problema para a saúde		II	77
24	EPI: responsabilidade mútua		II	79
25	Reconhecendo padrões de "falas do corpo"		I e II	84
Cultura e Trabalho				
2	Cultura e formas geométricas		I	15
4	Arte com geometria		I e II	22
6	Cadeia produtiva		I e II	33
6	Iniciativas empreendedoras		I e II	34
10	Passeando em Santa Catarina		I	45
10	Festas populares e o trabalho		I e II	46
13	Festa e porcentagem		I	53
13	Festas populares e geração de empregos		I e II	54
14	Cultura e alimentação		I	61
14	Receita na medida certa		I	62
20	Procurando o futebol na cidade		I	82
20	Problematizando os números do futebol		I e II	83
Tempo Livre e Trabalho				
3	Minha história no tempo		I e II	17
8	Medindo o tempo		I e II	33
8	Medidas de tempo		I	34
10	horas felizes		I	41
11	Mapa do lazer		II	46
16	Viagens e turismo: São Paulo mostrada por números		I	59
18	Horas extras afetam a saúde do trabalhador		I e II	67
22	Carnaval: festa, barulho e trabalho		I e II	73
24	Construindo uma ampulheta		I e II	80
29	Quantos são voluntários		I e II	86
29	propondo um trabalho voluntário		I e II	87

Ciências Economia Sol

PORTUGUÊS

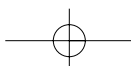
Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
	5	Semeando palavras, Colhendo poesias	I e II	29
	7	Linguagem verbal e não verbal: conotar e denotar	I e II	35
	8	A inferência, a metáfora e a mudança da perspectiva do eu lírico	I e II	38
	16	Entrevista com um "Primeiro-damo"	I e II	62
	17	Reconstruir um poema	I	64
	20	Preencher cheques e recibos	I	77
	26	Diálogo sobre as diferenças	II	92
Trabalho Campo				
	1	O observador	I e II	16
	3	O contador de "causos"	I e II	22
	5	Paráfrase criativa	II	32
	6	Você só come a castanha	I e II	37
	7	Reportagem	I e II	41
	10	Jogo das simulações: a agência de empregos	II	52
	11	Encontre seu par!	II	58
	12	Criação de um painel	II	62
	13	Haicai	I e II	66
	14	Ouvi dizer que...	II	69
	16	O poema do aluno...	I e II	74
	17	Dialogando...	I e II	79
	19	O que fazer com o dinheiro?	II	87
	21	O teatro na escola: Morte e Vida Severina	I e II	92
Tecnologia e Trabalho				
	2	Desenvolvimento da elocução formal de natureza dissertativa: o seminário	II	18
	3	O que é texto de informação?	II	23
	4	Juri simulado	II	25
	9	Texto poético: leitura oral e uso dos vocábulos	I e II	42
	10	Levantamento e seleção de idéias, delimitação do parágrafo e fixação dos objetivos na escrita	II	48
	12	Produção de textos: a descrição e a narração	I e II	57

Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.
	15	Bingo da ortografia	I	66
	18	Aspectos lingüísticos da narrativa: o discurso direto e o indireto	I e II	73
	19	Pelejando com letras	I	75
Diversidades e Trabalho				
	2	Níveis de linguagem e variação lingüística	I e II	12
	3	A descrição - universo afetivo das personagens	I e II	16
	6	Figuras de linguagem	II	28
	8	A noite do rap	II	32
	12	Características do texto biográfico	I e II	44
	12	Influência africana na Língua Portuguesa e características ortográficas	II	45
	14	Diferentes formas de expressão poética	II	53
	15	Entrevista - elementos conceituais e afetivos do sentido	I e II	56
	18	Expressão oral de natureza dissertativa	II	69
	19	Língua e dialetos	II	72
	21	Palavras de origem indígena - ortografia	I e II	81
	22	Criação de uma reportagem	II	87
Emprego e Trabalho				
	2	Resumo	II	15
	3	Reconhecendo palavras	I	16
	4	Atividades de autoria - campos lexicais	I e II	26
	10	A crônica narrada em primeira pessoa	II	41
	13	Conhecendo o sentido de uma fábula	I	47
	15	A estrutura do bilhete e a pontuação	I	52
	17	Resumo II - aprofundando possibilidades de sumarização	II	60
	20	Exercitando a argumentação	II	66
	21	Baralho criativo - A narrativa fantástica	II	71
	23	Quebra-cabeça de poemas:		



Ciências Economia Sol

PORTUGUÊS	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	Caderno	Texto	Título	Nível	Pag.	
	Saúde e Trabalho			desmontagem e montagem de textos	I e II	74			texto literário	II	19
24			Atividades de leitura e produção de poemas	I	78	5		Produção de textos: cheques e recibos	I	25	
25			Antonimia	I	81	7		"Por que uso o porquê? Por quê?"	I	31	
1			Atividades de ortografia - Jogo da Velha	I	11	8		Uso de "fazer" indicando tempo	I e II	35	
4			Jogo do Ambiente Saudável	I e II	20	10		Estrutura do parágrafo: a ênfase	I e II	42	
5			A narração e os tipos de discurso	II	25	11		Produção de textos: convites	I	47	
6			Abreviaturas e siglas	I e II	28	15		Trabalho em grupo: formar palavras	I e II	56	
7			Uso de "PORQUE, POR QUE, PORQUÊ e POR QUÊ"	I e II	32	16		O gênero panfleto	I	60	
9			Uso de "MAU e MAL"	I e II	35	20		Deu zebra ? - Atividades com homônimos	I e II	71	
10			Relações de causa e consequência	II	38	25		Roda de conversa e leitura	II	81	
14			O uso de G e J em português	I	52	23		Mecanismos de transformação textual: o foco narrativo	I e II	76	
16			Uso de HA ou A em português	I	56	28		Jogo: pode sentar na mesa? - Regência verbal	I e II	85	
19			Jogo das dificuldades ortográficas	I	63						
23			Ortografia: emprego do H em português	I	78	1		Júri simulado: o texto de opinião	II	13	
25			Atividades de ortografia	I	85	2		Um sindicalista visita minha sala de aula	II	15	
28			Dinâmica do escolher	II	89	3		Leitura de textos não verbais	I e II	23	
						7		Argumentação: elementos conceituais e afetivos do sentido: O debate na TV	II	34	
Cultura e Trabalho		2		Cultura, fala e provérbios	I e II	16	8		Mitos, lendas e crendices - leitura e produção	I e II	39
		3		A descrição - a realidade objetiva e subjetiva	II	17	10		Pau-de-sebo da memória	I e II	42
		4		Jogo dos campos lexicais	I e II	23	11		A importância da pontuação	I e II	46
		5		O texto instrucional	I e II	28	13		Gêneros textuais e uso funcional da linguagem II	I e II	55
		6		Jogos de alfabetização - As letras nas palavras	I	35	16		O jogo das proparoxítonas	I	63
		8		Anglicismos	II	40	17		Leitura do texto não verbal: a descrição	I e II	67
	9		Jogos de alfabetização: Criação de palavras	I	42	18		Estrutura da primeira página do jornal; reconhecimento das partes da notícia	I	72	
	11		Ler e criar literatura de cordel	I e II	49	23		Um só tema em diversos gêneros	II	82	
	13		Jogos de alfabetização: Reconhecimento das vogais	I	55	24		Gêneros textuais e uso funcional da linguagem I	I e II	89	
	14		Receita poética	I e II	63						
	17		Teatro em sala de aula	II	72						
	23		Estudo de texto de informação. Produção de anúncio	I e II	91						
	Tempo Livre e Trabalho	2		Bingo da ortografia	I e II	12					
3			Formação de palavras	I	18						
4			Características do								



Temas da Coleção

A Coleção Cadernos de EJA está organizada por Temas. Esses temas podem ser concebidos tanto como temas “transversais”, tal como são propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – os PCNs, no sentido de que os temas perpassam as áreas do conhecimento e mobilizam saberes e competências trabalhadas por diversas disciplinas do currículo. Também podem ser concebidos como temas “geradores”, uma vez que estão inseridos no universo cultural dos educandos e permitem gerar debates que promovem uma leitura crítica da realidade “codificada” nesses temas. Os temas foram definidos com base na análise de textos produzidos pelos próprios movimentos sociais, de outros materiais didáticos, de sugestões de especialistas e professores participantes das oficinas, etc. A partir dessas várias fontes a lista de temas foi sendo construída coletivamente chegando a uma relação final de 13 temas, apresentada abaixo. Os temas estão articulados entre si, porém a leitura e utilização do material não tem uma seqüência pré-definida. Em função desse caráter modular, os(as) professores(as) e as escolas de EJA poderão também montar novos cadernos com temas específicos, ampliando permanentemente a coleção.

Temas da Coleção

- Cultura e Trabalho
- Diversidades e Trabalho
- Economia Solidária
- Emprego e Trabalho
- Globalização e Trabalho
- Juventude e Trabalho
- Meio Ambiente e Trabalho
- Mulher e Trabalho
- Qualidade de Vida,
- Consumo e Trabalho
- Segurança e Saúde no Trabalho
- Tecnologia e Trabalho
- Tempo Livre e Trabalho
- Trabalho no Campo



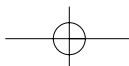
Ciências Economia Sol

Subtemas da Coleção

Os textos no interior de cada Caderno do Aluno foram agrupados em alguns assuntos ou sub-temas. A lista desses sub-temas, apresentada a seguir, mostra a diversidade de assuntos abordados nos textos selecionados e também as conexões entre os diversos textos e temas, tecendo a já referida intertextualidade. Um indicador

dessa conexão é o fato de que vários temas de cadernos são retomados em outros cadernos como subtemas. Dessa forma, os temas se integram e dialogam entre si, permitindo uma visão ampla do Mundo do Trabalho em suas múltiplas facetas e determinações.

Cultura e Trabalho:	Leis e regras;	Relações de trabalho;
A arte e o trabalho;	O que é cooperativismo?;	Concentração de renda;
Conceito (de cultura);	Organização do trabalho;	
Cultura do trabalho;	Organização empresarial;	Juventude e Trabalho:
Cultura e culinária;	Organização social;	Consumo;
Cultura política;	Organização social feminina;	Cultura juvenil;
Cultura popular;	Produção conjunta;	Desemprego juvenil;
Festas populares;	Sistemas cooperativos;	Empreendedorismo;
Futebol e trabalho;	Sistemas políticos;	Jovens no campo;
História da cultura;	Vida solidária;	Necessidades especiais;
O trabalhador do setor cultural;		Participação política;
Primeiro emprego;	Emprego e Trabalho:	Risco social;
Regionalidades;	Alienação do trabalho;	Rotina do jovem;
Trabalho e tempo livre;	Desemprego;	Saúde do jovem;
	Direitos dos trabalhadores;	Ser jovem;
Diversidades e Trabalho:	Lutas dos trabalhadores;	
A luta dos negros;	Para que trabalhar;	Meio Ambiente e Trabalho:
Ambiente de trabalho;	Relações no trabalho;	A luta para salvar o planeta;
Diversas idades;	Rotina do trabalhador;	A luta pelo desenvolvimento sustentável;
Diversidade cultural;	Tipos de trabalho;	A monocultura degrada o meio Ambiente;
Diversidade de sentidos;	Trabalho informal;	Degradação Ambiental;
Diversidade étnica e cultural;		Desenvolvimento sustentável;
Diversidade religiosa;	Globalização e Trabalho:	Ecosistemas brasileiros;
Diversidades regionais;	Interação de culturas;	Energia limpa;
	Contrastes de globalização;	Interferência no ambiente;
Economia Solidária e Trabalho:	Mudanças no mercado de trabalho;	Mudanças climáticas;
Causas coletivas;	Comércio internacional;	O trabalho em harmonia com a natureza;
Convívio social;	Presença militar norte-americana;	Pesca artesanal;
Desenvolvimento social;	Uma outra globalização;	
Economia solidária;	Integração latino-americana;	
Filosofia social;	Migrações;	



Ciências Economia Sol

Tratamento de lixo;

Mulher e Trabalho:

Assédio sexual;
 Competição Profissional;
 Conquistas trabalhistas / femininas;
 Desigualdade;
 Direitos trabalhistas;
 Discriminação social;
 Feminino X masculino;
 História do trabalho feminino;
 Mulher e desemprego;
 Mulheres famosas;
 O que é ser mulher;
 Risco social;
 Trabalho doméstico;
 Trabalho e família;
 Trabalho no campo;

Qualidade de Vida, Consumo e Trabalho:

Alimentação e saúde;
 Comércio ilegal;
 Consumismo;
 Consumo consciente;
 Consumo responsável;
 Cultura social;
 Defesa do consumidor;
 Desenvolvimento sustentável;
 Direitos civis;
 Direitos do consumidor;
 Hábitos alimentares;
 Organização da produção;
 Os perigos do álcool;
 Os perigos do fumo;
 Serviços Públicos;
 Televisão;
 Transgênicos;

Segurança, Saúde e Trabalho:

A luta pelo trabalho decente;
 Acidentes de trabalho;
 Ambiente de trabalho;
 Ambiente insalubre;
 Conseqüências do excesso de trabalho;
 Cuidados com o corpo;
 Cuidados com o local de trabalho;
 Direito ao trabalho decente;
 Excesso de trabalho;
 Normas de segurança;
 Prevenção de acidentes;
 Riscos do ambiente de trabalho;
 Saúde e sustentabilidade;
 Saúde indígena;

Tempo Livre e Trabalho:

Ansiedade;
 Carga horária;
 Carnaval e liberdade;
 Costumes regionais;
 Cultura popular;
 Família;
 Lazer;
 Lazer e deficiência;
 Lazer e tragédia;
 Lazer gerando renda;
 Más compensações;
 Mudanças inevitáveis;
 O conceito de tempo livre;
 O direito ao lazer;
 Qualidade de vida;
 Realidade de vida;
 Saúde e lazer;
 Sofrimento e alegria no escritório;
 Sofrimento e alegria;
 Tempo bem empregado;
 Trabalho e tempo livre;
 Trabalho voluntário;
 Vida urbana;

Tecnologia e Trabalho:

Acesso à tecnologia;
 Apropriação;
 Desenvolvimento sustentável;
 Desenvolvimento tecnológico;
 História da tecnologia;
 Invenções;
 O homem e a máquina;
 Projeção;
 Relações no trabalho;
 Substituição de mão-de-obra;
 Tecnologia alimentícia;
 Tecnologia de comunicações;
 Tecnologia e cotidiano;
 Tecnologia e desemprego;
 Tecnologia e transporte;

Trabalho no Campo:

A luta pela terra;
 Agricultura familiar;
 Agroecologia;
 Artesanato;
 Automação rural;
 Crescimento urbano;
 Desemprego rural;
 Economia sustentável;
 Energia renovável;
 Fruticultura tropical;
 Igualdade e auto-suficiência;
 Índios no Brasil;
 Mão-de-obra rural;
 Mecanização e desemprego;
 Produção rural;
 Reforma agrária;
 Trabalhadores sem terra.

Como utilizar o material em sala de aula

O uso da Coleção Cadernos de EJA na sala de aula dependerá, naturalmente, de diversos fatores, especialmente:

- ▶ das opções metodológicas dos(as) professores(as) em relação ao caminho proposto pela coleção. Por exemplo, se o(a) professor(a) assumir a linha mestra sugerida no material, articulando os componentes curriculares em torno dos temas e textos dos cadernos, poderá planejar e executar seu programa anual selecionando os temas com os quais irá trabalhar, se os treze temas ou parte deles e, dentro dos temas, escolher os textos mais adequados aos seus alunos e aos conteúdos que pretende ensinar no período.
- ▶ das possibilidades dos(as) educandos(as) em termos de facilidade para a leitura, conhecimentos prévios, experiência de vida, expectativas quanto à escola etc. Para levantar esses elementos é essencial fazer uma avaliação prévia da situação da turma. Essa avaliação pode se dar por meio de uma conversa inicial com a turma e pode ainda recorrer a instrumentos mais sistematizados de levantamento e registro, tais como: questionários e fichas individuais.

- ▶ da disponibilidade do material, no sentido da quantidade existente para uso dos(as) alunos(as) e formas de utilização possibilitadas pela escola. Por exemplo, se a escola somente dispõe da cópia da coleção enviada pelo MEC, o material poderá ter um uso específico, embora diferente da forma originalmente programada, na qual se pressupõe que cada aluno(a) tenha a sua própria coleção. No entanto é imprescindível, em qualquer caso, que o material possa ser manuseado pelos(as) educandos(as) e sirva como material de leitura. Esse manuseio do texto terá que acontecer antes que as atividades sejam aplicadas, pois elas pressupõem o contato do(a) aluno(a) com o texto.

O material, para que possa ser inserido de forma integrada no dia-a-dia da sala de aula, precisa ser considerado um instrumento de apoio em diferentes momentos do processo pedagógico: no planejamento, no uso em sala de aula e na avaliação do ensino e da aprendizagem. Pode-se tecer algumas considerações específicas sobre esses três momentos.

O planejamento

A característica principal desta coleção é que os textos do aluno e as atividades não têm uma seqüência pré-definida de trabalho e, portanto, não estabelecem um planejamento *a priori*. O(a) professor(a) pode usá-lo da maneira que achar melhor, livremente, criando sua própria seqüência de trabalho.

Caso o(a) professor(a) decida organizar seu trabalho por temas, poderá definir um tempo para desenvolver cada um dos temas.

Por exemplo, poderá estabelecer o tempo de um mês para usar cada caderno da coleção. Após escolher a ordem de apresentação dos temas, esse esquema será registrado no plano anual de trabalho. Poderão surgir vários esquemas a serem adotados por diferentes professores(as). Imaginemos que a profa. Maria tenha uma turma de alunos mais jovens, a maioria moradores da periferia de uma grande cidade, vivendo situações de desemprego e busca do primeiro emprego. O esquema montado pela profa. Maria poderia ser o seguinte:

MARÇO <i>Juventude e trabalho</i>	ABRIL <i>Tecnologia e trabalho</i>	MAIO <i>Economia Solidária e trabalho</i>	JUNHO <i>Emprego e trabalho</i>
AGOSTO <i>Globalização e trabalho</i>	SETEMBRO <i>Consumo e trabalho</i>	OUTUBRO <i>Meio Ambiente e trabalho</i>	NOVEMBRO <i>Tempo Livre e trabalho</i>

Imaginemos que a profa. Alice, por sua vez, trabalha em uma cidade do interior com uma turma de pessoas adultas, principalmente senhoras donas de casa, a maioria das quais veio do campo para a cidade. O esquema da profa. Alice poderia ser o seguinte:

MARÇO <i>Mulher e trabalho</i>	ABRIL <i>Trabalho no Campo</i>	MAIO <i>Consumo e trabalho</i>	JUNHO <i>Economia Solidária e trabalho</i>
AGOSTO <i>Cultura e trabalho</i>	SETEMBRO <i>Meio Ambiente e trabalho</i>	OUTUBRO <i>Tempo livre e trabalho</i>	NOVEMBRO <i>Segurança e saúde no trabalho</i>

Tempo Qualidade

Uma outra turma, na qual predominam operários(as), poderia iniciar o trabalho pelos temas *Emprego e Trabalho* ou por *Segurança e Saúde no Trabalho*. Dessa forma, cada grupo de alunos pode iniciar o contato com a coleção por meio daqueles temas que tenham relação mais direta com sua situação e depois partir para os temas um pouco mais distantes do seu dia-a-dia. Definida uma programação anual, cada professor(a) pode organizar sua programação semanal definindo os textos e as atividades a serem trabalhados a cada dia. Esse planejamento poderia ser feito por meio de uma ficha, ajustada de acordo com o segmento em que o(a) professor(a) atua. Para o 1º. segmento (1ª. a 4ª. série) um exemplo poderia ser:

CADERNO: DIVERSIDADES E TRABALHO					
SEMANA de 16 a 20 de ABRIL de 20 07					
	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
texto	3	5	5	5	10
área	Português	Artes	Geografia	Matemática	Ciências
página	16	18	20	25	37

No caso acima, o item **página** se refere à página do Caderno do Professor em que a atividade se encontra, e **área** corresponde aos componentes curriculares às áreas do conhecimento utilizadas nos cadernos. Poderão ser adotadas abreviaturas para facilitar o registro dessas áreas. Por exemplo:

Português ► **PORT**

Matemática ► **MAT**

Ciências ► **CIE**

História ► **HIST**

Geografia ► **GEO**

Artes ► **ART**

Educação Física ► **EFIS**

Inglês ► **ING**

Espanhol ► **ESP**

Educação e trabalho ► **ETRAB**

Ecnomia solidária ► **ESOL**

Como é possível perceber, o material possui grande flexibilidade e pode se moldar a diferentes propostas adotadas pelos professores. Por exemplo, cada caderno pode ser a fonte inspiradora para temas a serem usados para construir **PROJETOS** a serem desenvolvidos pela equipe escolar durante um certo período de tempo. Por exemplo, os Cadernos “Diversidades e Trabalho” e “Cultura e Trabalho” podem ser selecionados como materiais de referência para

Tempo Qualidade

um projeto sobre **Imigrantes**. Uma vez definida essa abordagem, a equipe escolar (professores(as) e coordenação pedagógica) estabelece um tempo para desenvolver o projeto, por exemplo, um mês. Durante esse período, os/(as) professores(as) das diversas séries irão escolher textos adequados a essas séries. Por exemplo, um(a) professor(a) da primeira série pode selecionar o texto 19 do caderno sobre Diversidades e o texto 10 do caderno sobre Cultura para ensinar noções sobre a linguagem escrita, destacando a presença de palavras de outros idiomas nos textos em português. Os professores da segunda série escolherão outros textos e assim por diante. Escolhidos os textos, cada professor(a) irá aplicar as atividades relativas a esses textos e aos componentes curriculares previstos na sua programação ou irá elaborar atividades específicas para o projeto. Para isso poderá ser usada como modelo a ficha disponibilizada ao final dos Cadernos do Professor.

Em função do tema, poderá ser necessário que os(as) professores(as) façam o levantamento de outros textos que possam ser utilizados para desenvolver o projeto e socializem esses textos com a equipe.

Em especial, é importante que esses novos textos contemplem assuntos e fatos de interesse local e regional, por exemplo, comunidades de imigrantes que vivem em locais próximos, situação de tratamento dessas diversidades pelas empresas locais e assim por diante. Esses textos poderão ser obtidos

com jornais da região, sindicatos e associações, órgãos públicos como prefeituras etc. Dependendo das condições, os(as) alunos(as) poderão ajudar nessa busca, trazendo esses materiais para a sala de aula, fazendo entrevistas etc. O texto 2 do caderno de Diversidades mostra o exemplo de uma entrevista feita com um ex-escravo e pode ajudar os(as) alunos(as) nesse tipo de ação. Todas esses textos, atividades e conteúdos podem ser incluídos nos quadros de planejamento mensal e semanal conforme já sugerido.

É fundamental que um quadro com o Planejamento Anual e Mensal seja afixado na sala de aula e seja debatido com os(as) alunos(as) para que todos possam acompanhar o processo e se envolver com as metas a serem atingidas, inclusive verificar eventuais mudanças nesses planos e ajustes à medida que transcorre o ano letivo. Dessa forma, os(as) educandos(as) exercitam uma atitude extremamente importante de trabalho coletivo e aprendem a valorizar o planejamento como ferramenta para regular e orientar o processo de trabalho.

O uso em sala de aula

O princípio metodológico fundamental desta coleção é promover o diálogo na sala de aula, seja entre os(as) alunos(as) ou destes com o(a) professor(a) e, mediados por este(a), com os próprios textos. A atividade do(a) aluno(a) sobre o texto que se preten-

Tempo Qualidade

de estimular não é a de um sujeito passivo que apenas tenta assimilar as informações fornecidas, mas é a de um **Trabalhador** que opera sobre o texto como objeto a ser conhecido e transformado. Nesse sentido, é fundamental orientar os(as) educandos(as) para que explorem os cadernos do aluno, a começar pela capa. Na capa existem vários elementos que podem ser trabalhados pedagogicamente para mostrar o funcionamento da linguagem escrita e preparar condições para que a leitura do material seja mais proveitosa. Dentre esses elementos da capa, pode-se destacar:

- ▶ **os títulos dos cadernos** que indicam o tema principal que o caderno aborda. Esses títulos podem ser utilizados para debater com a turma o significado desses conceitos. Por exemplo, o que é cultura para os(as) alunos(as), o que entendem por Meio ambiente etc. No caso da alfabetização, alguns desses títulos podem ser usados como palavras-chave para estudo do sistema alfabético e ortográfico do português.
- ▶ **as chamadas** destacam assuntos que serão abordados no caderno tal como acontece em uma revista. Essas chamadas podem ser objeto de debate com a turma para levantar se já leram ou ouviram falar sobre aqueles assuntos, o que já sabem sobre essas questões etc. Esse tipo de levantamento ajuda a mobilizar os conhecimentos prévios dos(as) educandos(as) e esti-

mulá-los(las) a elaborar e explicitar hipóteses sobre os textos que vão ser lidos, facilitando a compreensão dos significados expressos nesses textos.

- ▶ **as fotos das capas** são referentes ao tema do caderno. Por exemplo, no caderno sobre *Mulher e Trabalho*, a capa traz uma foto que retrata um grupo de trabalhadores, com destaque para duas mulheres e, ao fundo, dois homens que passam. Essas fotos foram cuidadosamente selecionadas para possibilitar uma leitura que já fosse uma primeira abordagem do tema do caderno. Nessa foto, por exemplo, podem ser destacados: o sorriso das trabalhadoras, as roupas e equipamentos de proteção, o cenário etc. Por meio desses elementos, os(as) alunos(as) podem ser desafiados(as) a inferir: quem são essas pessoas, onde trabalham, o que as mulheres estão pensando e sentindo, o que os homens estão pensando e sentido. A partir dessa foto já é possível propor a elaboração de um texto em que as pessoas fotografadas sejam transformadas em personagens de uma narrativa.

Antes dos textos, o caderno traz um sumário, cuja função o(a) professor(a) pode esclarecer, se necessário, para os(as) alunos(as) que possuem pouca familiaridade com a linguagem escrita. No caso de alunos que já são leitores, pode-se mostrar como o sumário pode ajudar a localizar textos específicos e obter alguma informação complementar sobre o texto (por exemplo, se é um texto mais curto ou mais longo).

Tempo Qualidade

Os textos não precisam ser usados na seqüência em que aparecem nos cadernos. Por exemplo, se o primeiro texto é um pouco mais longo, com um conteúdo mais complexo, é adequado que ele seja trabalhado numa série mais avançada e não nas primeiras séries. Nessas séries iniciais é conveniente que se usem textos mais simples ou imagens. Todos os textos têm algum tipo de imagem, uma foto ou uma figura, que pode ser trabalhada no lugar do texto ou utilizada para facilitar sua compreensão.

Em alguns casos, a foto é o próprio texto. Neste caso, o(a) professor(a) pode explorar a foto a partir de questões, como: Quem é a pessoa que está aqui? Qual a relação que ela tem com o meio ambiente? Qual o tipo de trabalho que faz?

Ao longo dos textos aparecem *caixas* com informações complementares. Essas caixas trazem explicações de determinados conceitos e, nos textos escritos em língua estrangeira, um glossário que traduz palavras que não são fáceis de identificar. Também são apresentados trechos em destaque, evidenciando algum ponto mais importante. Esses vários recursos da linguagem escrita atual, amplamente utilizados em jornais e revistas, são elementos que precisam ser destacados e, se necessário, explicados para os(as) alunos(as). Compreender a função desses recursos ajuda a captar as mensagens que não estão evidentes no texto, os intertextos que precisam ser analisados para chegar a uma apreciação em profundidade do significado expresso nesse texto.

Essa forma de orientar o trabalho com o texto na sala de aula estimula os(as) alunos(as) a assumirem uma atitude crítica em relação ao texto, qualquer que seja o formato desse texto. No momento em que os(as) alunos(as) se mostram capazes não apenas de entender o que o autor quis comunicar, mas relacionam o texto com suas próprias idéias, vivências, com outros textos e falas, estabelecendo um rico diálogo interior com a produção escrita que têm em mãos, estão se formando para fazer a “leitura do mundo” (Paulo Freire) para além da leitura da palavra. E essa é a finalidade principal que motivou a elaboração desta coleção.

Para estimular os(as) alunos(as) a se tornarem esses leitores críticos, o(a) professor(a) precisa estar assumindo a mesma atitude em relação ao material. Nesse caso, não apenas em relação aos textos de leitura dos alunos, mas também em relação ao Caderno do Professor. Por isso, é importante explicitar melhor como esse caderno está estruturado.

As atividades propostas nos Cadernos do Professor estão todas referenciadas aos textos do Caderno do Aluno. Cada página apresenta uma atividade completa e traz no canto superior esquerdo o número do texto ao qual corresponde. Por exemplo, o Caderno do Professor *Diversidades e Trabalho* traz nas páginas 9, 10, 11 e 12 quatro atividades voltadas ao texto 2 do Caderno do Aluno. O texto do aluno tem como título “Depoimentos de escravos brasileiros”. As quatro atividades exploram aspectos desse mesmo texto, com base em conteú-

Tempo Qualidade

dos de diferentes disciplinas ou áreas (nesse caso, Economia Solidária, História, Geografia e Português). O(a) professor(a) pode escolher quais atividades irá usar, caso resolva incluir esse texto na sua programação. Não é necessário usar todas.

Algumas são dirigidas ao 1º. segmento, outras ao 2º. e algumas ainda podem ser usadas em ambos. No canto superior direito, o(a) professor(a) encontra o **Nível**, que indica a qual segmento a atividade foi recomendada pela equipe que elaborou o material: para o primeiro segmento - 1ª à 4ª série -, para o segundo segmento - 5ª à 8ª série - ou para ambos. A tarja colorida que aparece ao longo da página indica também para qual nível as atividades são sugeridas. AMARELO para o Nível I, VERMELHO para o Nível II e LARANJA para ambos. Mas isso também é optativo. Uma atividade que, eventualmente, esteja indicada como Nível I, pode ser considerada pelo(a) professor(a) adequada para a turma do 2º. segmento e vice-versa. Dessa forma, o material convida permanentemente o(a) professor(a) a refletir sobre sua prática, as necessidades e a realidade da sua turma para decidir o melhor caminho para o uso do material na sala de aula.

No caso das disciplinas ou áreas do conhecimento, já foi mencionada antes a importância do trabalho inter e multidisciplinar. Tendo em vista que a organização do currículo e da própria estrutura dos sistemas de ensino baseia-se em classificações

por disciplinas, o material indica a qual área do conhecimento correspondem aquelas atividades propostas. Essa indicação se encontra em destaque, ao lado do número do texto. Adotou-se o termo **área**, tendo em vista que algumas atividades estão dirigidas a uma disciplina específica (Matemática, Artes etc.) enquanto outras estão voltadas a áreas do conhecimento acadêmico que somente em anos muito recentes têm se transformado em disciplinas do currículo do ensino superior, na graduação ou pós-graduação. A intenção da equipe ao incorporar essas áreas ao lado das disciplinas tradicionalmente abordadas no ensino fundamental foi, por um lado, desafiar o professor para um trabalho transdisciplinar, que rompesse de modo mais ousado com os limites do currículo tradicional e, por outro lado, trazer conhecimentos acumulados e debates do mundo acadêmico diretamente para os trabalhadores(as) e professores(as) que irão usar a coleção.

Dessa forma, a UNITRABALHO, rede universitária que coordenou a elaboração da coleção cumpre um de seus objetivos essenciais: colocar o saber produzido na universidade a disposição dos trabalhadores(as), contribuindo para melhorar suas condições de vida e trabalho. A escolha dessas duas áreas acima citadas não foi casual. De um lado, os estudos e pesquisas sobre a relação entre Educação e Trabalho têm elaborado uma profunda crítica às condições em que o

Tempo Qualidade

trabalhador vende sua força de trabalho, convertida em uma simples mercadoria no sistema econômico capitalista. De outro lado, os estudos sobre a chamada Economia Solidária, fenômeno emergente e em expansão no mundo do trabalho, têm apontado possibilidades de inserção dos trabalhadores nesse sistema econômico de forma mais justa e humanizadora, sinalizando para a possibilidade de novas relações de trabalho e para uma possível reconstrução das relações econômicas em novas bases.

Os demais itens constantes na página da atividade (objetivos, introdução, contexto no mundo do trabalho, descrição da atividade, material indicado, tempo sugerido, resultados esperados e dicas do(a) professor(a) configuram uma espécie de Plano de Aula. O(a) professor(a) poderá se basear nesse plano para organizar sua aula, seguindo as orientações apresentadas e modificando aquilo que não está adequado à sua turma. Houve um esforço por parte da equipe para evitar sugestões que exigissem materiais caros ou sofisticados, bem como equipamentos que não são comuns nas escolas públicas. Mesmo assim, algumas atividades pressupõem a existência de alguns desses instrumentos de apoio, para que as turmas que dispõem de mais recursos possam utilizar essas possibilidades e também para estimular a busca da equipe escolar pela melhoria das condições

da escola pública, especialmente das salas destinadas à EJA. Essa valorização da EJA também reflete uma concepção pedagógica emancipatória e uma atitude crítica em relação à educação brasileira.

Todas as atividades propostas no Caderno do Professor são meras **sugestões**. O(a) educador(a) pode e deve avaliar cuidadosamente cada uma a fim de reformular ou descartar aquelas que não se adequam às suas necessidades e à realidade de seus alunos. Para facilitar o trabalho de reformulação ou elaboração de propostas alternativas àquelas apresentadas no caderno foram incluídas algumas páginas extras com fichas de elaboração de atividades em branco. O(a) professor(a) pode reproduzir essas fichas e usá-las para construir suas próprias atividades. Futuramente, quando este material estiver disponível na forma de um portal na Internet, será possível, a partir de qualquer computador com acesso à rede, colocar uma proposta de atividade que poderá ser utilizada por outros(as) professores(as) de EJA em todo o Brasil.

Em suma, o que se propõe como metodologia de uso do material na sala de aula é a recriação dos textos e atividades pelos professores(as) e alunos(as), utilizando as atividades sugeridas como EXEMPLOS de um trabalho que segue os pressupostos e princípios anunciados neste Caderno Metodológico.

Tempo Qualidade

A avaliação do ensino e da aprendizagem

Muito tem sido escrito sobre o processo de Avaliação, sua importância, dimensões, problemas etc. A Coleção Cadernos de EJA nem de longe tem a pretensão de resolver esses problemas ou abordar essas múltiplas e complexas questões neste Caderno Metodológico.

Cumpra apenas sinalizar como o material pode ser usado como uma ferramenta a mais para facilitar a tarefa de avaliação do(a) professor(a). Em primeiro lugar é preciso estabelecer uma diferença entre a avaliação do ensino e a avaliação da aprendizagem. Frequentemente as preocupações da escola ficam reduzidas à avaliação da aprendizagem ou, pior ainda, à avaliação do desempenho dos(as) alunos(as) com vistas a definir aprovados e reprovados. O material aqui proposto permite uma melhor avaliação do processo de ensino, por várias razões.

Em primeiro lugar, por apresentar textos com diferentes graus de dificuldade, permite ao professor(a) fazer um diagnóstico do ponto de partida em que os educandos, individual e coletivamente, se encontram no início do processo de ensino. Acompanhar o progresso desses educandos na aquisição de capacidades cada vez mais elaboradas e consolidadas de leitura constitui um dos eixos fundamentais para a avaliação do trabalho docente. Se os educandos melhoram sua

capacidade de ler criticamente os textos, de relacioná-los com sua realidade, de reformulá-los, isto revela que o ato de ensinar está atingindo seus objetivos.

Em segundo lugar, ao permitir um planejamento flexível, dentro de uma abordagem temática, o material permite que a utilização dos textos de leitura e das atividades seja escalonada em função do tempo de acordo com as necessidades de cada turma. Com isso se torna possível, a cada etapa cumprida retornar o planejamento inicial e comparar o que foi feito com o que estava previsto. A partir dessa comparação, professor(a), alunos(as) e a equipe da escola (coordenação pedagógica, direção) têm condições de buscar os meios para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, fazendo do sucesso escolar uma tarefa e um compromisso de todos.

Do ponto de vista da aprendizagem, as atividades, na sua quase totalidade, culminam com a elaboração de algum produto, seja um novo texto, um desenho, uma tabela, um gráfico, um esquema etc. Dessa forma o(a) professor(a) dispõe de elementos concretos para analisar continuamente o progresso dos(as) alunos(as), tanto do ponto de vista coletivo quanto individual, tomando as medidas necessárias a fim de reforçar o apoio nos pontos que se revelam mais difíceis para a turma como um todo e na atenção especial àqueles educandos cujo progresso se dá em ritmo diferente dos demais.

Tempo Qualidade

Novamente é importante ressaltar a característica dialógica que precisa estar iluminando esse processo de avaliação. Comunicar claramente aos alunos e alunas os objetivos e as metas a serem atingidos e que o alcance desses objetivos consiste em um aprendizado fundamental: a construção de relações solidárias e responsáveis no interior da sala de aula. Com isso se pode esperar que os(as) alunos(as) possam assumir essa mesma ati-

tude (solidária, responsável, crítica e criativa) em todos os momentos da sua vida e do seu trabalho, tornando-se sujeitos cada vez mais ativos no processo de transformação da sua realidade pessoal e da realidade social. É essa a principal contribuição que a equipe que elaborou este material espera que possa resultar do uso da Coleção Cadernos de EJA nas salas de aula de todo o Brasil.

Tempo Qualidade

Perguntas dos professores e professoras

Viva a Economia de Vida

Aqui estão relacionadas as perguntas mais freqüentes feitas por alguns dos mais de mil professores e professoras de EJA que acompanharam as oficinas pedagógicas, realizadas nas cinco regiões do Brasil.

1 É possível utilizar o material na alfabetização?

A alfabetização tem sido objeto de inúmeras polêmicas, em termos de métodos, abordagens, formas de trabalhar. Nós não pensamos a coleção como um material específico para a alfabetização, mas pensamos em ter textos que também pudessem ser usados na alfabetização de acordo com a abordagem metodológica adotada pelo alfabetizador.

Então, não há na coleção um caderno especial voltado apenas para o processo de alfabetização. Vários textos, presentes em todos os cadernos dos alunos, podem ser objeto de atividades de alfabetização. Algumas atividades foram incluídas no material para mostrar a possibilidade de trabalhar esses textos durante o processo de alfabetização.

Esse esforço de integrar as atividades de alfabetização como parte do processo de EJA decorre de uma visão que entende a alfabetização não como uma introdução às primeiras letras, mas como uma inserção dos educandos no universo da cultura letrada, processo esse que se desenvolve ao longo de toda a escolarização e, pode-se dizer, ao longo de toda a vida do indivíduo. Pensar a alfabetização como um momento separado, isolado do restante do ensino fundamental pode às vezes gerar um problema de descontinuidade, com a adoção de metodologias que colocam o educando diante de uma relação artificial com o texto escrito, o que acaba gerando dificuldades quando os educandos são inseridos no ensino fundamental e, sobretudo, quando necessitam utilizar os conhecimentos escolares em situações do cotidiano e do trabalho.

A alfabetização é uma área extremamente desafiadora, que tem muitas possibilidades. Nossa concepção é de que é possível e necessário trabalhar com textos desde o primeiro momento da alfabetização. Alguns alfabetizadores não acham que isso seja possível, então, vão preferir trabalhar com outras metodologias, por meio de palavras separadas ou outros elementos da linguagem.

Nossa visão é de que a alfabetização precisa levar o alfabetizando a dominar o mundo da linguagem escrita, o que é muito mais complexo do que dominar o uso de letras, sílabas etc. Esse domínio inclui, por exemplo, a compreensão do significado da linguagem escrita, das características que são realmente essenciais no uso social da linguagem escrita. Nesse sentido, entender o que é uma manchete, por exemplo, é parte dos conteúdos da alfabetização.

O processo de alfabetização requer a introdução dos elementos que constituem o uso real da linguagem escrita, tal como esse uso ocorre na prática social fora da escola. Para que esses conhecimentos possam ser assimilados pelo aluno, este precisa ter contato com eles. Se nós trabalharmos com o aluno um tipo de letra, por exemplo, que é específico do processo pedagógico, e que na linguagem escrita usual aparece apenas em algumas condições e algumas circunstâncias, estaremos apresentando para o aluno uma visão um pouco distorcida da linguagem escrita. Ou seja, ele não vai encontrar, por exemplo, letras do tipo bastão em caixa alta em todos os textos que ele vê fora da escola. Ele vê uma diversidade de textos. Nós, educadores, poderemos dizer ao aluno: “Olha, você está vendo essa diversidade toda, é isso que é um texto, essa é a escrita. Mas, do texto, como nós estamos na alfabetização, vamos trabalhar só o título, por exemplo, que é só o que nesse momento nos interessa”. Mais tarde, o aluno, por conta própria ou com a ajuda do professor conseguirá ler o restante do texto. Nesse caso, ele está percebendo o que é realmente um texto, o que é realmente a leitura, então ele vai se sentir mais estimulado, e poderá pensar “eu quero saber o que está naquelas letrinhas que hoje eu não consigo ler, eu consigo ler aquelas grandes, porque eu estou sendo ajudado por um educador, mas as pequenas, não”. Então, mais tarde, ele vai conseguir e

poderá voltar ao texto, fazendo uma releitura num outro grau de profundidade, usando as novas capacidades que vai adquirindo. Não será isso que se pode chamar realmente de um rico caminho para o sucesso no processo de alfabetização? Como foi dito, é uma questão de concepção, de método, de forma de trabalhar a alfabetização.

2 Os mesmos cadernos podem ser utilizados de 1ª a 8ª série?

São os mesmos caderno, mas alguém poderá dizer que o aluno vai se cansar de olhar o mesmo caderno em várias séries diferentes. No entanto, não necessariamente ele vai trabalhar com o caderno ao longo do período todo da 1ª até a 8ª série, porque o que vai acontecer é que naturalmente os professores vão utilizar partes do caderno. Dificilmente o professor vai utilizar o caderno inteiro numa única série, até por que é impossível, a quantidade de textos e a quantidade de atividades que tem no caderno é totalmente impossível de ser esgotada, do ponto de vista pedagógico, em uma série ou mesmo em duas ou três séries. Imaginem que temos mais de mil atividades, se cada atividade levar em média três horas para ser realizada, isso daria mais de 3.000 horas que seriam necessárias para esgotar o material. Então a idéia é que o material realmente esteja disponível para ele, durante todo o ensino fundamental.

3 É possível usar o material em curso semi-presencial?

Na educação de adultos semi-presencial, o aluno vem para a escola, recebe um conjunto de apostilas e textos, que ele vai estudar em casa e volta para tirar dúvidas com o professor. Essa é uma situação que existe em vários lugares. Neste caso, o material pode servir como um material de apoio, mas não como o material básico, principal, porque ele é mais voltado para um ensino presencial, ele pressupõe o professor fazendo a mediação entre os alunos e os textos, trabalha bastante com os debates entre os alunos. No entanto, como ele é um caderno de textos, o professor, mesmo no ensino semi-presencial, pode disponibilizar o material e deixar o aluno levar os cader-

nos para casa e ler os textos. O professor pode elaborar questões e atividades a partir desses textos. O aluno pode voltar dessa leitura estimulado por um texto e o professor pode, então, dar a ele apostilas ou textos das disciplinas que tenham relação com aquele texto. Por exemplo, o professor usar o caderno de Meio Ambiente e Trabalho para introduzir conteúdos de Ciências. O aluno lê os textos sobre meio ambiente e fica com dúvidas, sobre o que é efeito estufa, sobre a elevação das águas e outras questões. O professor, então, trabalha conceitos de ciências a partir deste estímulo que o texto trouxe. Essa poderia ser uma forma de usar este material numa situação semi-presencial, onde, evidentemente, o material não vai ser o principal recurso, pois não foi pensado para esta finalidade.

4 Como o material vai chegar nas escolas?

Esse material será entregue impresso e em CDs. Esses CDs vão ser distribuídos juntamente com um exemplar impresso para todas as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação do Brasil. A meta é que o material possa ser disponibilizado para todos os alunos, mas isso vai depender do interesse, da colaboração e dos recursos disponíveis nas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios para poder fazer a reprodução do material.

Todas as escolas que oferecem educação de jovens e adultos, segundo o censo escolar, receberão um conjunto do material, possibilitando que os professores da equipe o conheçam, discutam entre si sua melhor utilização e com a Secretaria de Educação a possibilidade de reproduzi-lo para todos os alunos e professores. Além disso, todos os materiais que são do MEC estão disponíveis no site do Ministério da Educação (www.mec.gov.br).

Como ele é de livre reprodução, simplesmente pode se fazer uma licitação com alguma gráfica para que reproduza o material. Isso reduz enormemente o custo e viabiliza uma distribuição muito mais ampla deste material para atingir pelo menos uma boa parte dos alunos de EJA.

Livre Economia de Vida

5 Esse material trabalha com a questão das cooperativas?

É uma questão importante, hoje, sobretudo nas cidades grandes, como Guarulhos e São Paulo, já que um dos grandes problemas dos nossos educandos é o desemprego, a falta de oportunidades de trabalho, a falta de oportunidade para progredir e ter uma renda melhor. Nós vamos ter um caderno específico no material que trata da Economia Solidária. Para iniciar, a Economia Solidária não é necessariamente criar cooperativas. A cooperativa é uma das formas, mas, por exemplo, um Empreendimento Solidário pode ser uma associação de artesãos, uma associação de pequenos produtores e até pode ser uma rede de pequenos empresários. Existem várias formas de fazer economia solidária, de produzir e comercializar de uma maneira mais solidária e coletiva. O caderno de Economia Solidária vai abordar tanto informações gerais como outras mais específicas, por exemplo: como iniciar uma cooperativa, onde procurar orientação, o que fazer? O material é uma primeira abordagem. Naturalmente o professor pode mostrar aos alunos outros caminhos, onde ele pode buscar informações, como por exemplo, junto às Prefeituras, que muitas vezes têm programas de incentivo a esse setor.

A coleção traz algumas atividades que vão abordar essas possibilidades a partir de cada um dos cadernos. O caderno do Meio Ambiente, por exemplo, vai ter atividades de economia solidária ligadas ao meio ambiente, envolvendo, a questão da reciclagem, que é uma área que possibilita oportunidades de trabalho para pessoas que estão excluídas, como os catadores de resíduos. O material vai fazer esse tipo de ligação por meio de questões, pesquisas, orientações etc.

6 O CD permite ao professor ter um banco de atividades e construir um currículo a partir desse suporte?

Esse banco de atividades será possível por meio de um portal na internet. Nesse portal, todas as atividades serão disponibilizadas incluindo atividades que não foram selecionadas para os cadernos,

Livre Economia de Vida

mas que também são interessantes, porém procuramos escolher as que ficaram melhores. Então, a idéia é disponibilizar as outras atividades também. O portal vai permitir que os professores possam inserir novas atividades no Banco de Atividades e sugerir textos para um Banco de Textos. Dessa forma o material poderá ser constantemente ampliado e atualizado, pela colaboração e pelo trabalho coletivos dos próprios atores da EJA. Também será possível ao professor fazer buscar e montar seu próprio material de acordo com temas e conteúdos da sua programação.

7 A Filosofia é abordada como disciplina?

A equipe procurou contemplar componentes curriculares que, normalmente, são trabalhados no ensino fundamental. A Filosofia tem sido trabalhada mais como um componente do ensino médio, embora existam algumas experiências de trabalhar a Filosofia para crianças. A Filosofia não deixa de estar presente neste material, porque ela é a base de tudo, mas nós não pensamos, realmente em incluí-la especificamente como um componente curricular. Mas, de certa forma, uma parte da discussão filosófica vai estar contemplada no tema de Educação e Trabalho, porque ele é um componente fundamentalmente reflexivo. Por exemplo, a questão de repensar o trabalho, fazer uma discussão mais crítica sobre o mundo do trabalho, essas questões vão estar presentes no tema Educação e Trabalho.

Outro aspecto essencial do pensamento filosófico que está muito presente no material é a idéia de estimular a reflexão. A todo o momento o repensar a prática, o repensar as ações dentro de uma reflexão mais organizada remetem à Filosofia.

Eu acho que quem estiver trabalhando com a Filosofia talvez encontre no material várias atividades que poderão ser utilizadas na sua área, por que várias delas não têm um componente curricular específico, são atividades transdisciplinares, voltadas a uma formação geral dos educandos.

Comentário de um professor participante da oficina:

“Uma coisa que eu acho superlegal nesse material é que a gente rompe com essa ditadura das grandes editoras do livro didático.”

Se a Secretaria de Educação tem uma verba para reprodução de material, ela poderá reproduzir em vez de comprar no mercado e, às vezes, comprar um material que nem é de tão boa qualidade e que em alguns casos nem é encontrado. Mas, infelizmente, muitas editoras especializadas em ganhar concorrências acabam vendendo para as escolas um material que nem é tão bom, mas que as escolas e as secretarias acabam tendo que comprar por conta da lei de licitações e dessa burocracia.

Então, com esse material, as secretarias poderão reproduzir livremente, e os professores também, se as escolas tiverem meios de reproduzi-lo. Eu acho que o conhecimento tem de ser socializado e tem de ser disponibilizado para todo mundo.”

Parâmetros legais da EJA

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000

Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de conformidade com o disposto no Art. 9º, § 1º, alínea “c”, da Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e tendo em vista o Parecer CNE/CEB 11/2000, homologado pelo Senhor Ministro da Educação em 7 de junho de 2000, RESOLVE:

Art. 1º Esta Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos a serem obrigatoriamente observadas na oferta e na estrutura dos componentes curriculares de ensino fundamental e médio dos cursos que se desenvolvem, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias e integrantes da organização da educação nacional

nos diversos sistemas de ensino, à luz do caráter próprio desta modalidade de educação.

Art. 2º A presente Resolução abrange os processos formativos da Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação Básica nas etapas dos ensinos fundamental e médio, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em especial dos seus artigos 4º, 5º, 37, 38, e 87 e, no que couber, da Educação Profissional.

§ 1º Estas Diretrizes servem como referência opcional para as iniciativas autônomas que se desenvolvem sob a forma de processos formativos extra-escolares na sociedade civil.

§ 2º Estas Diretrizes se estendem à oferta dos exames supletivos para efeito de certificados de conclusão das etapas do ensino fundamental e do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos.

Art. 3º As Diretrizes Curri-

culares Nacionais do Ensino Fundamental estabelecidas e vigentes na Resolução CNE/CEB 2/98 se estendem para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos no ensino fundamental.

Art. 4º As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio estabelecidas e vigentes na Resolução CNE/CEB 3/98, se estendem para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos no ensino médio.

Art. 5º Os componentes curriculares conseqüentes ao modelo pedagógico próprio da educação de jovens e adultos e expressos nas propostas pedagógicas das unidades educacionais obedecerão aos princípios, aos objetivos e às diretrizes curriculares tais como formulados no Parecer CNE/CEB 11/2000, que acompanha a presente Resolução, nos pareceres CNE/CEB 4/98, CNE/CEB 15/98 e CNE/CEB 16/99, suas respectivas resoluções e as orientações próprias

as dos sistemas de ensino.

Parágrafo único. Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;

II - quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;

III - quanto à proporcionalidade,

a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica.

Art. 6º Cabe a cada sistema de ensino definir a estrutura e a duração dos cursos da Educação de Jovens e Adultos, respeitadas as diretrizes curriculares nacionais, a identidade desta modalidade de educação e o regime de colaboração entre os entes federativos.

Art. 7º Obedecidos o disposto no Art. 4º, I e VII da LDB e a regra da prioridade para o atendimento da escolarização universal obrigatória, será considerada idade mínima para a inscrição e realização de exames supletivos de conclusão do ensino fundamental a de 15 anos completos.

Parágrafo único. Fica vedada, em cursos de Educação de Jovens e Adultos, a matrícula e a assistência de crianças e de

adolescentes da faixa etária compreendida na escolaridade universal obrigatória, ou seja, de sete a quatorze anos completos.

Art. 8º Observado o disposto no Art. 4º, VII da LDB, a idade mínima para a inscrição e realização de exames supletivos de conclusão do ensino médio é a de 18 anos completos.

§ 1º O direito dos menores emancipados para os atos da vida civil não se aplica para o da prestação de exames supletivos.

§ 2º Semelhantemente ao disposto no parágrafo único do Art. 7º, os cursos de Educação de Jovens e Adultos de nível médio deverão ser voltados especificamente para alunos de faixa etária superior à própria para a conclusão deste nível de ensino, ou seja, 17 anos completos.

Art. 9º Cabe aos sistemas de ensino regulamentar, além dos cursos, os procedimentos para a estrutura e a organização dos exames supletivos, em regime de colaboração e de acordo com suas competências.

Parágrafo único. As instituições ofertantes informarão aos interessados, antes de cada início de curso, os programas e demais componentes curriculares, sua duração, requisitos, qualificação dos professores, recursos didáticos disponíveis e critérios de avaliação, obrigando-se a cumprir as respectivas condições.

Art. 10. No caso de cursos semi-presenciais e a distância, os alunos só poderão ser avaliados, para fins de certificados de conclusão, em exames supletivos presenciais oferecidos por instituições especificamente autorizadas, credenciadas e avaliadas pelo poder público, dentro das competências dos respectivos sistemas, conforme a norma própria sobre o assunto e sob o princípio do regime de colaboração.

Art. 11. No caso de circulação entre as diferentes modalidades de ensino, a matrícula em qualquer ano das etapas do curso ou do ensino está subordinada às normas do respectivo sistema e de cada modalidade.

Art. 12. Os estudos de

Educação de Jovens e Adultos realizados em instituições estrangeiras poderão ser aproveitados junto às instituições nacionais, mediante a avaliação dos estudos e reclassificação dos alunos jovens e adultos, de acordo com as normas vigentes, respeitados os requisitos diplomáticos de acordos culturais e as competências próprias da autonomia dos sistemas.

Art. 13. Os certificados de conclusão dos cursos a distância de alunos jovens e adultos emitidos por instituições estrangeiras, mesmo quando realizados em cooperação com instituições sediadas no Brasil, deverão ser revalidados para gerarem efeitos legais, de acordo com as normas vigentes para o ensino presencial, respeitados os requisitos diplomáticos de acordos culturais.

Art. 14. A competência para a validação de cursos com avaliação no processo e a realização de exames supletivos fora do território nacional é privativa da União, ouvido o Conselho Nacional de Educação.

Art. 15. Os sistemas de ensino, nas respectivas áreas de competência, são co-responsáveis pelos cursos e pelas formas de exames supletivos por eles regulados e autorizados.

Parágrafo único. Cabe aos poderes públicos, de acordo com o princípio de publicidade:

a) divulgar a relação dos cursos e dos estabelecimentos autorizados à aplicação de exames supletivos, bem como das datas de validade dos seus respectivos atos autorizadores.

b) acompanhar, controlar e fiscalizar os estabelecimentos que ofertarem esta modalidade de educação básica, bem como no caso de exames supletivos.

Art. 16. As unidades ofertantes desta modalidade de educação, quando da autorização dos seus cursos, apresentarão aos órgãos responsáveis dos sistemas o regimento escolar para efeito de análise e avaliação.

Parágrafo único. A proposta pedagógica deve ser apresentada para efeito de registro e arquivo histórico.

Art. 17 . A formação inicial e continuada de profissionais para a Educação de Jovens e Adultos terá como referência as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental e para o ensino médio e as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores, apoiada em:

I – ambiente institucional com organização adequada à proposta pedagógica;

II – investigação dos problemas desta modalidade de educação, buscando oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas;

III – desenvolvimento de práticas educativas que correlacionem teoria e prática;

IV – utilização de métodos e técnicas que contemplem códigos e linguagens apropriados às situações específicas de aprendizagem.

Art. 18. Respeitado o Art. 5º desta Resolução, os cursos de Educação de Jovens e Adultos que se destinam ao ensino fundamental deverão obedecer em seus componentes curriculares aos Art. 26,

27, 28 e 32 da LDB e às diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental.

Parágrafo único. Na organização curricular, competência dos sistemas, a língua estrangeira é de oferta obrigatória nos anos finais do ensino fundamental.

Art. 19. Respeitado o Art. 5º desta Resolução, os cursos de Educação de Jovens e Adultos que se destinam ao ensino médio deverão obedecer em seus componentes curriculares aos Art. 26, 27, 28, 35 e 36 da LDB e às diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio.

Art. 20. Os exames supletivos, para efeito de certificado formal de conclusão do ensino fundamental, quando autorizados e reconhecidos pelos respectivos sistemas de ensino, deverão seguir o Art. 26 da LDB e as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental.

§ 1º A explicitação desses componentes curriculares nos exames será definida pelos respectivos sistemas, respeitadas as especificidades da edu-

cação de jovens e adultos.

§ 2º A Língua Estrangeira, nesta etapa do ensino, é de oferta obrigatória e de prestação facultativa por parte do aluno.

§ 3º Os sistemas deverão prever exames supletivos que considerem as peculiaridades dos portadores de necessidades especiais.

Art. 21. Os exames supletivos, para efeito de certificado formal de conclusão do ensino médio, quando autorizados e reconhecidos pelos respectivos sistemas de ensino, deverão observar os Art. 26 e 36 da LDB e as diretrizes curriculares nacionais do ensino médio.

§ 1º Os conteúdos e as competências assinalados nas áreas definidas nas diretrizes curriculares nacionais do ensino médio serão explicitados pelos respectivos sistemas, observadas as especificidades da educação de jovens e adultos.

§ 2º A língua estrangeira é componente obrigatório na oferta e prestação de exames supletivos.

§ 3º Os sistemas deverão

prever exames supletivos que considerem as peculiaridades dos portadores de necessidades especiais.

Art. 22. Os estabelecimentos poderão aferir e reconhecer, mediante avaliação, conhecimentos e habilidades obtidos em processos formativos extra-escolares, de acordo com as normas dos respectivos sistemas e no âmbito de suas competências, inclusive para a educação profissional de nível técnico, obedecidas as respectivas diretrizes curriculares nacionais.

Art. 23. Os estabelecimentos, sob sua responsabilidade e dos sistemas que os autori-

zaram, expedirão históricos escolares e declarações de conclusão, e registrarão os respectivos certificados, ressalvados os casos dos certificados de conclusão emitidos por instituições estrangeiras, a serem revalidados pelos órgãos oficiais competentes dos sistemas.

Parágrafo único. Na sua divulgação publicitária e nos documentos emitidos, os cursos e os estabelecimentos capacitados para prestação de exames deverão registrar o número, o local e a data do ato autorizador.

Art. 24. As escolas indígenas dispõem de norma específica contida na Resolução

CNE/CEB 3/99, anexa ao Parecer CNE/CEB 14/99.

Parágrafo único. Aos egressos das escolas indígenas e postulantes de ingresso em cursos de educação de jovens e adultos, será admitido o aproveitamento destes estudos, de acordo com as normas fixadas pelos sistemas de ensino.

Art. 25. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Francisco Aparecido Cordão
Presidente da Câmara de
Educação Básica

O que é a UNITRABALHO



A **UNITRABALHO** é uma rede universitária nacional que agrega, atualmente, 92 universidades e instituições de ensino superior de todo o Brasil. Foi fundada em 1996, instituída como Fundação de direito privado sem fins lucrativos, com a finalidade de envolver as universidades na busca de soluções para os problemas sociais que atingem os trabalhadores brasileiros.

• Princípios

Além de contribuir para o desenvolvimento social, a **Unitrabalho** busca o fortalecimento das instituições de ensino superior a ela agregadas.

A rede desenvolve parcerias com todas as organizações dos trabalhadores, desde que tenham idoneidade moral e representatividade social de fato, res-

peitando a autonomia de pensamento destas instituições, e, com elas, desenvolve projetos que beneficiem os trabalhadores por meio dos produtos deles resultantes.

• Missão

A missão da Unitrabalho é integrar universidades e o mundo do trabalho no desenvolvimento de projetos que promovam melhores condições de vida e trabalho. Para isso, busca-se a síntese entre o conhecimento científico e o saber popular para qualificar a organização e a ação social dos trabalhadores e trabalhadoras.

• Programas

Os programas são concebidos para articular projetos que materializem a missão da **Unitrabalho** no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão:

- ▶ Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável
- ▶ Emprego e Relações de Trabalho
- ▶ Trabalho e Educação
- ▶ Saúde do Trabalhador

• Parceiros

A **Unitrabalho** tem parceria com organizações de trabalhadores, ONGs e Instituições Públicas Brasileiras e Internacionais, tais como: Instituto Ethos, Unisol Brasil, FINEP, CUT, ICCO, Fundação Banco do Brasil, Ministério do Turismo, Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério da Educação.

Currículos da equipe e expediente

Equipe de consultores

Ana Maria Roman

Licenciada em Letras pela Universidade de Santo Amaro – SP. É pós-graduada em Lingüística Hispânica pela *Universidad de La Habana - Cuba*. Possui experiência no Ensino do Espanhol no Brasil e Espanha. Atua como professora de Espanhol no curso de Turismo do Senac Piracicaba-SP e como consultora de projetos educacionais de EJA e Educação Profissional.

Antonia Terra de Calazans Fernandes

Bacharel, licenciada e mestre em História pela PUC-SP, doutora em História Social pela FFLCH da USP, co-autora dos Parâmetros Curriculares Nacionais - MEC de História, professora do Departamento de História da PUC-SP, pesquisadora do Projeto LIVRES - Educação e Memória: organização de acervos de livros didáticos/FE - USP.

Armando Lírio de Souza

Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Pará (1995). Fez especialização no FIPAM/NAEA da Universidade Federal do Pará (1997) e mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará (2000). Professor Assistente III da Universidade Federal do Pará na área de Economia, com ênfase em Teoria Econômica. Desenvolve projetos de pesquisa e extensão sobre: Reforma do Estado, Descentralização, Políticas de Saúde, Financiamento da Saúde. É membro do Conselho Nacional do Programa de Economia Solidária da Unitrabalho.

Célia Regina Pereira do Nascimento

Mestre em Literatura Brasileira pela USP, pesquisadora

de Cultura Popular, professora convidada na Unicamp, dos programas de Literatura da TV Escola. Coordenadora de Projetos Leitura em escolas, Institutos e Fundações, como Arrastão, AMEe Ecoteca Professora convidada do CEDAC, autora de publicações paradigmáticas.

Eloisa Helena Santos

Doutora em Educação pela Universidade de Paris VIII. Professora aposentada da Faculdade de Educação da UFMG, ex-coordenadora e membro do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação. Professora do Centro Universitário UNA e coordenadora do curso de Serviço Social. Professora visitante da Universidade de Paris X. Autora e co-autora de livros e artigos na área de Trabalho e Educação.

Eugenio Maria de França Ramos

Professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bacharel e Licenciado em Física, Mestre em Ensino de Ciências e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Desenvolve projetos de pesquisa e extensão nas áreas de: Formação de Professores, Ensino de Ciências, Física, Lúdico e Experimentação para o Ensino.

Giuliete Aymard Ramos Siqueira

Formada em Comunicação Social pela FAAP. Tem 10 anos de experiência no ensino de idiomas, tendo desenvolvido jogos e outros materiais de apoio para professores de inglês. Participou também de correção e edição de livros para Inglês de Negócios com a Pearson Education do Brasil (Intelligent Business). Atualmente dá treinamento para professores da área e aulas em empresas.

Lia Vargas Tiriba

Doutora em Sociologia Econômica e do Trabalho pela Universidade Complutense de Madrid. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal

Fluminense- UFF/ RJ, pesquisadora do NEDDATE - Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação. Autora do livro *Economia popular e cultura do trabalho: pedagogia(s) da produção associada* (Unijui, 2001) e co-autora (com Iracy Picanço) do livro *Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária* (Idéias & Letras, 2004).

Lucillo de Souza Junior

Licenciado em Matemática pela UFES, pós-graduando do PROEJA pelo CEFET-ES, integrante do NEJA/UFES, professor da Rede Municipal de Vila Velha/ES. Atua em sala de aula e na formação de educadores de EJA das redes oficiais e de movimentos sociais. Co-autor dos livros *Educação de Jovens e Adultos*, pela DP&A Editora, 2004, e *Construção Coletiva: contribuição à educação de Jovens e Adultos*, Unesco, MEC, RAAAB, 2005.

Luiz Antônio Ferreira

Graduado em Letras Português/Inglês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Farias Brito (1973), mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (1989) e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (1995). Atualmente é professor titular do Departamento de Português da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor convidado do Mestrado em Lingüística da Unifran. É autor de livros didáticos para o ensino fundamental e médio.

Maria Aparecida de Mello

Graduada em Pedagogia e Educação Física, mestre em Educação Especial e doutora em Educação. É professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Escola de Vigotsky. Trabalhou com projetos na área de Educação de Jovens e Adultos no Programa "Brasil Alfabetizado" e desenvolve

pesquisas nas duas áreas de formação sobre os processos e práticas educativas relacionados ao ensino e aprendizagem de conteúdos em diferentes áreas de conhecimento e contextos educacionais.

Maria Conceição Almeida Vasconcelos

Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Serviço Social, mestre em Sociologia. Membro do Núcleo Local da Unitrabalho da UFS e da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Econômicos Solidários da UFS. Membro do GT de Coordenação do Programa Nacional de Economia Solidária da Rede Unitrabalho.

Maria Márcia Murta

Professora adjunta do Instituto de Química da Universidade de Brasília, UnB, participa do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, voltado para formação de professores do ensino médio e foi membro da equipe de pareceristas do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio, PNELEM 2006, na avaliação de livro didático.

Maria Nezilda Culti

Professora do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do GT do Programa Nacional de Economia Solidária da Unitrabalho. Membro do Núcleo/Incubadora da Unitrabalho na Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Ciências Econômicas (1978), tem especialização em Economia de Empresa (1983), mestre em Economia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2006). Tem experiência e pesquisas na área de Economia do Trabalho e Tecnologia. Atua principalmente nos seguintes temas: Economia Solidária, Cooperativismo, Trabalho, Desemprego, Processo de Incubação, Processo Educativo.

Ocsana Sonia Danyluk

Licenciada em Matemática pela Universidade de Passo Fundo. Pós-graduada em Metodologia do Ensino de II Grau pela UPF/PF. Mestrado em Educação Matemática pela Unesp/ Rio Claro/SP. Doutorado em Educação pela UFRGS/ Porto Alegre/ RS. Autora de livros e artigos sobre Alfabetização Matemática, Educação de Jovens e Adultos e Educação Matemática.

Osmar Sá Pontes Júnior

É professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, Mestre em Sociologia Política e Doutorando em Sociologia pela UFC, coordena a Incubadora de Cooperativas Populares de Autogestão da UFC, sendo membro da coordenação nacional de economia solidária da Unitrabalho e representante desta instituição universitária no conselho gestor do PRONINC e no conselho deliberativo nacional do COEP.

Ricardo Alvarez (SP) - Fundação Santo André

Geógrafo graduado e mestre pela Universidade de São Paulo, professor há 24 anos, metade dos quais dedicados ao ensino de jovens e adultos. Atualmente leciona no ensino médio e superior na Fundação Santo André e no ensino superior da FEFISA. Foi leitor crítico das "Orientações Curriculares para o Ensino Médio" de 2006 (MEC) em Geografia.

Rita de Cássia Pacheco Gonçalves

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, graduada em Matemática e Arquitetura; Professora colaboradora da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina. Coordenadora do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação de Jovens e Adultos desenvolvido pelo IEP - Instituto de Educação Permanente em convênio

com o CESUSC - Centro de Ensino Superior de Santa Catarina; coordenadora do Fórum de EJA da Grande Florianópolis, membro representante do IEP do Fórum Estadual de EJA. Coordenadora pedagógica do programa Educação do trabalhador da Escola sindical Sul da CUT de 1999 a 2002. Consultora no programa de jovens e adultos da Prefeitura Municipal de Blumenau de 2002 a 2004. Consultora do DIEESE para elaboração de material didático para formação de dirigentes sindicais nos anos de 2001 a 2004.

Selva Guimarães Fonseca

Licenciada em Estudos Sociais e História pela UFU, mestre e doutora na área de ensino de História pela USP. Atuou como alfabetizadora, professora das séries iniciais do ensino fundamental e médio na rede pública do estado de Minas Gerais. Desde 1987 atua como docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. É pesquisadora de produtividade do CNPq, autora de livros e artigos científicos na área de formação de professores e ensino de História.

Vera Cecilia Achatkin

Mestre em Prática Teatral pela ECA-USP, coordenadora e professora do Curso de Comunicação das Artes do Corpo da PUC-SP, atual diretora da Divisão de Pesquisas/IDART e coordenadora do Núcleo de Ação Educativa (NAE) do Centro Cultural São Paulo, consultora do Projeto Fábricas de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura e presidente da Sociedade Pró-Projeto Teatral Dano-Brasileiro.

Equipe de Revisão Pedagógica**Cleide de Lourdes da Silva Araújo**

Educadora com doutorado em Educação pela Univer-

sidade Estadual Paulista – Unesp Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília. Mestre em Educação e licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Atua nas áreas de Formação de Professores e Pesquisa em Educação e, há quatro anos, no ensino fundamental da rede pública municipal.

Douglas Aparecido de Campos

Graduado em Educação Física e Direito, mestre e doutor em Educação. É professor adjunto do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Escola de Vigotsky. Trabalhou com projetos na área de Educação de Jovens e Adultos do Programa “Brasil Alfabetizado”, Políticas Públicas e desenvolve pesquisas nas duas áreas de formação com foco nos processos de Ensino e Aprendizagem e Direito da Educação.

Eunice Rittmeister

Licenciada em História e mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professora e pesquisadora no programa de educação de adultos da UFSCAR. Co-autora de materiais didáticos para a educação de jovens e adultos.

Coordenação do projeto

Diogo Joel Demarco

Graduado em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal de Pelotas/RS. Mestre e doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo/USP na área Estado, Sociedade e Educação. Membro da Plural Cooperativa - consultoria, pesquisas e serviços, pela qual já desenvolveu diversos projetos nas áreas da Educação, da Participação Social e do Desenvolvimento Rural.

Francisco José Carvalho Mazzeu

Pedagogo, mestre em Educação na área de Metodologia do Ensino, doutor em Educação na área de Filosofia da Educação, professor efetivo do Departamento de Didática da Universidade Estadual Paulista – Unesp, Campus de Araraquara, na disciplina Alfabetização, coordenador de projetos de pesquisa e extensão na área de Educação de Jovens e Adultos e Formação Profissional, Diretor Executivo da Fundação Unitrabalho: Rede Interuniversitária que congrega mais de 90 instituições de ensino superior de todo o Brasil. Coordenador de diversos projetos nacionais de pesquisa e extensão nas áreas de Educação de Jovens e Adultos, Avaliação de Políticas Públicas, Geração de Trabalho e Renda e Desenvolvimento Sustentável.

Expediente

Comitê Gestor do Projeto

Timothy Denis Ireland (Secad – Diretor do Departamento da EJA)
Cláudia Veloso Torres Guimarães (Secad – Coordenadora Geral da EJA)
Francisco José Carvalho Mazzeu (Unitrabalho) – UNESP/Unitrabalho
Diogo Joel Demarco (Unitrabalho)

Coordenação do Projeto

Francisco José Carvalho Mazzeu (Coordenador Geral)
Diogo Joel Demarco (Coordenador Executivo)
Luna Kalil (Coordenadora de Produção)

Equipe de Apoio Técnico

Adan Luca Parisi
Adriana Cristina Schwengber
Andreas Santos de Almeida
Jacqueline Brizida
Kelly Markovic
Solange de Oliveira

Equipe Pedagógica

Cleide Lourdes da Silva Araújo
Douglas Aparecido de Campos
Eunice Rittmeister
Francisco José Carvalho Mazzeu
Maria Aparecida Mello

Equipe de Consultores

Ana Maria Roman – SP
Antonia Terra de Calazans Fernandes – PUC-SP
Armando Lírio de Souza – UFPA – PA
Célia Regina Pereira do Nascimento – Unicamp – SP
Eloísa Helena Santos – UFMG – MG
Eugenio Maria de França Ramos – UNESP Rio Claro – SP
Giuliete Aymard Ramos Siqueira – SP
Lia Vargas Tiriba – UFF – RJ
Lucillo de Souza Junior – UFES – ES
Luiz Antônio Ferreira – PUC-SP
Maria Aparecida de Mello – UFSCar – SP
Maria Conceição Almeida Vasconcelos – UFS – SP
Maria Márcia Murta – UNB – DF
Maria Nezlida Culti – UEM – PR
Ocsana Sonia Danylyk – UPF – RS
Osmar Sá Pontes Júnior – UFC – CE
Ricardo Alvarez – Fundação Santo André – SP
Rita de Cássia Pacheco Gonçalves – UDESC – SC
Selva Guimarães Fonseca – UFU – MG
Vera Cecília Achatkin – PUC-SP

Equipe editorial

Preparação, edição e adaptação de texto:
Editora Página Viva

Revisão:
Ivana Alves Costa, Marilu Tassetto,
Mônica Rodrigues de Lima,
Sandra Regina de Souza e Solange Scattolini

Edição de arte, diagramação e projeto gráfico:
A+ Desenho Gráfico e Comunicação

Pesquisa iconográfica e direitos autorais:
Companhia da Memória

Fotografias não creditadas:
iStockphoto.com

Apoio

Editora Casa Amarela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Caderno metodológico para o professor /
[coordenação do projeto Francisco José Carvalho Mazzeu,
Diogo Joel Demarco, Luna Kalil]. -- São Paulo :
Unitrabalho-Fundação Interuniversitária de Estudos
e Pesquisas sobre o Trabalho ; Brasília, DF : Ministério
da Educação. SECAD-Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade, 2007. -- (Coleção Cadernos de EJA)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 85-296-0080-0 (Unitrabalho)

ISBN 978-85-296-0080-2 (Unitrabalho)

1. Ensino fundamental - Metodologia
 2. Estudo e ensino (Ensino fundamental)
- I. Mazzeu, Francisco José Carvalho. II. Demarco, Diogo Joel.
III. Kalil, Luna. IV. Série.

07-0452

CDD-370.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livros-texto :
Ensino fundamental 370.07